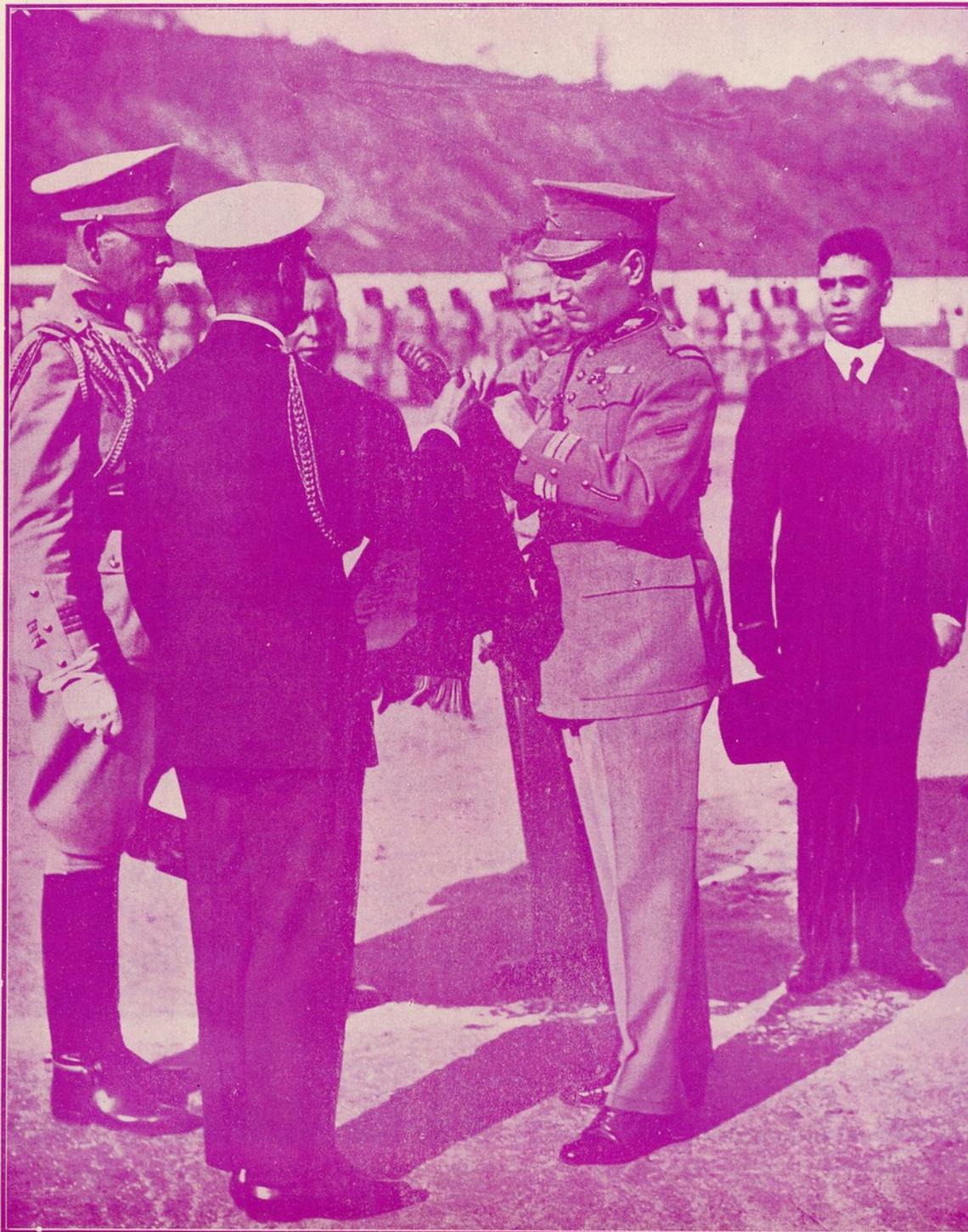
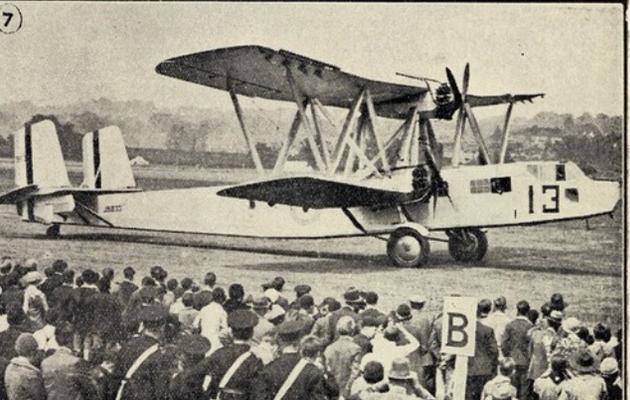
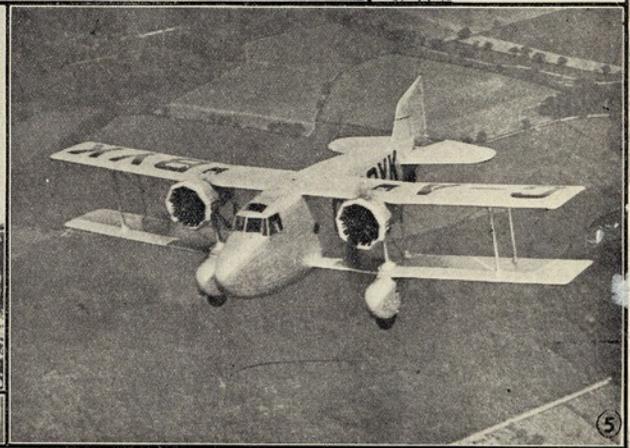
ANO I N.º 11
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
1 de Setembro de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

O sr. Encarregado do Governo, tenente-coronel Soares Zilhão, colocando o laço da Cruz de Guerra no estandarte oferecido aos antigos combatentes

1 — *O aviador americano Wiley Post, à sua chegada a Berlim, na viagem à volta do mundo.* **2** — *O primeiro desastre da esquadra aérea italiana: a perda dum dos aviões em Amsterdam.* **3** — *Um veterano: o cap. Geoffrey de Havilland, de 52 anos de idade e que em 8 de Julho ganhou a King's Cup.* **4** — *O avião de Mattern, na tentativa de volta ao mundo, rebocado no terreno pedregoso da ilha de Jomfruland (Noruega) em que foi forçado a aterrar.* **5** — *O mais rapido avião de transporte. Pertence à Giant Mail Aeroplane, de Norwich, Norfolk. Pode atingir 200 milhas por hora.* **6** — *O desastre dos aviadores lituanos capitão Darius e Stanley Girenas, na tentativa de vôo sem escala Nova York-Kovna (Lituania). A 380 milhas do destino, encontraram a morte numa queda numa floresta da Pomerânia.* **7** — *O avião da Handlay Page Troop Carrier, que transporta 32 passageiros.*

HITLER e o futuro

No momento estranho e complexo da evolução que vamos atravessando; neste periodo de confusionismo de ideas, de doutrinas e de pontos de vista em tantos ramos do pensamento e da actividade humana; nesta hora perturbada de dura e implacavel luta entre a força «centripta» (resultante do conjunto de forças do Passado) e a força «centrifuga» (resultante do sistema de forças geradoras e propulsionadoras do Futuro); no meio de todo este espantoso cáos mundial, surgem, a cada momento, fenomenos sociais com as mais diversas fisionomias, sendo muito dificil, por vezes, nortearmos o nosso espirito atravez o labirinto desses fenomenos.

Mas... por assim ser, não nos parece que seja digno do espirito de nós todos o pararmos a nossa observação e o desistirmos do nosso raciocinio — abdicando assim e tambem de procurarmos esclarecer e concluir — pelo simples facto de tudo, á nossa roda ou á nossa frente, se apresentar contraditório, baralhado e confuso. Pelo contrário! É nestes momentos nebulosos, de crise complexa do pensamento e da vida social, que todas as inteligencias, mais ou menos ricas e penetrantes, mais ou menos completamente alicerçadas, devem esforçar-se por abrir caminho atravez o denso nevoeiro que nos cerca e por conseguir encontrar terreno firme onde se fixe a estacaria de doutrinas e de ideas directrises. O abdicar deste esforço — que é um dever — e o cruzar os braços perante tudo o que surja — o que é um crime — representaria tão somente a negação absoluta do nosso direito de existir, a falencia global e miseravel de todas as conquistas do Homem.

* * *

Todas estas considerações nos foram sugeridas pela lei que o gabinete alemão vai decretar, determinando a esterelização dos individuos considerados anormais, e pela brilhante controversia que o nosso distinto colaborador dr. Cordato de Noronha veio estabelecer, perante tais doutrinas e propositos, com o seu interessantissimo artigo — muito justamente apreciado — publicado no ultimo numero do «Ilustrado», sob o titulo de «A Eugenica vista por Hitler».

Os propositos do gabinete alemão, a firmar nessa lei regressiva — sem justificação possivel no adiantado grau de civilização que adquirimos e no estado actual da ciencia — são, porém, capazes de conquistar adeptos — e já conquistam — entre vários espiritos e meios estranhos ao povo alemão. Razão teve, pois, o nosso colaborador, para vir a publico (e pela forma elevada e cientifica como o fez) opor, a tais pontos de vista e a tal desenhada acção, as esclarecidas e oportunas considerações que tão importante assunto lhe mereceram. Mas entendemos mais: que o insolito caso é digno de maior atenção e não pode ser votado ao esquecimento, nem relegado para um plano inferior ou secundário. Por isso, vimos em reforço das objecções formuladas — não por simples curiosidade espiritual, mas por imposição da nossa mentalidade — procurando contribuir para o esclarecimento da tese e iluminar outros recantos do problema.

* * *

Navegando nas mesmas águas do artigo do dr. Cordato de Noronha...

O problema da hereditariedade não está hoje ainda devidamente esclarecido. Há familias de anormais inferiores onde surgem pessoas com perfeito equilibrio ou que produzem homens de talento e de génio, notabilissimos espiritos nas artes, nas letras e na ciencia. Há familias de pessoas equilibradas e normais onde aparecem idiotas, imbecis e criminosos. Em tudo isso influi imenso, alem doutros factores, o momento da concepção e o estado fisico e moral da mãi durante os primeiros tempos da gestação.

Na familia de Pedro o Grande, por exemplo, vamos encontrar o génio nas suas máximas expressões á mistura com a imbecillidade congenita, virtudes e vicios levados ao extremo, impulsos maniacos irresistiveis seguidos de arrependimento, hábitos crapulosos, ataques epiletiformes, mortes prematuras. Entre os Condé, em França, o talento, a excentricidade, a loucura, sucederam-se «alternadamente». Tacito teve um filho idiota. Luiz XI é filho dum louco. Hoffmann descende duma familia de maniacos.

O colossal escritor russo Dostoiewski era um epiletico, descendente duma familia de nevropatas. Spinosa era tuberculoso, tendo na sua ascendencia taras nervosas. Darwin — cuja obra a «Origem das especies» produziu em todos os dominios da inteligencia uma revolução que ainda não podemos considerar terminada — tinha uma saude precária, uma memoria debil e contava entre alguns seus antepassados anormais mentais.

Na Grecia antiga, foram anormais sexuais (pederastas, etc.) o legislador Solon e o general Aristides; o grande filosofo Socrates e o seu discipulo Platão; o tragico Sofócoles; Anacreonte, Teocrito, Fidias e tantos outros. Como o foram muitos homens notaveis na antiga Roma e foram em Itália, mais tarde, poderosos genios como Dante — o divino poeta — Miguel Angelo — o pintor e escultor eterno — Leonardo de Vinci — o pintor maravilhoso da Gioconda. Como o foram, na Alemanha, entre tantos, Moltke, o genial Wagner, que revolucionou a musica, e Humboldt; na França, o poeta decadente Verlaine e Loti — o grande romancista, tão conhecido e tão querido por muitos de nós, portugueses; na Inglaterra Shakspeare — o estupendo dramaturgo de genial inspiração — Bacon, lord Byron, Cecil Rodes, Oscar Wilde, o marechal Kitchner; na Espanha, o grande dramaturgo Jacinto Benavente; em Portugal, Afonso de Albuquerque — enorme figura, cuja sombra se projecta na nossa Historia (vide «A Questão sexual», de Jaime Brasil).

Newton e Pasteur — duas poderosissimas cerebrações cuja influencia mundial no campo cientifico não pode desconhecer-se — tiveram taras na familia.

O grande actor de cinema Lon Chaney, era filho de um casal de surdos-mudos de nascença.

Seria um nunca-acabar... Estes exemplos chegam, porem, para pôr á evidencia a inanidade da orientação empirica, absurda e retrogada do gabinete hitleriano, demonstrado, como fica, que o problema da hereditariedade é ainda hoje bastante nebuloso e sujeito ás maiores surpresas.

* * *

Mas há outro aspecto e esse é, para nós, o mais importante. É que a orientação do gabinete alemão, alem de empirica, absurda e retrograda — é tambem eminentemente perigosa para o futuro da Humanidade. Vejamos:

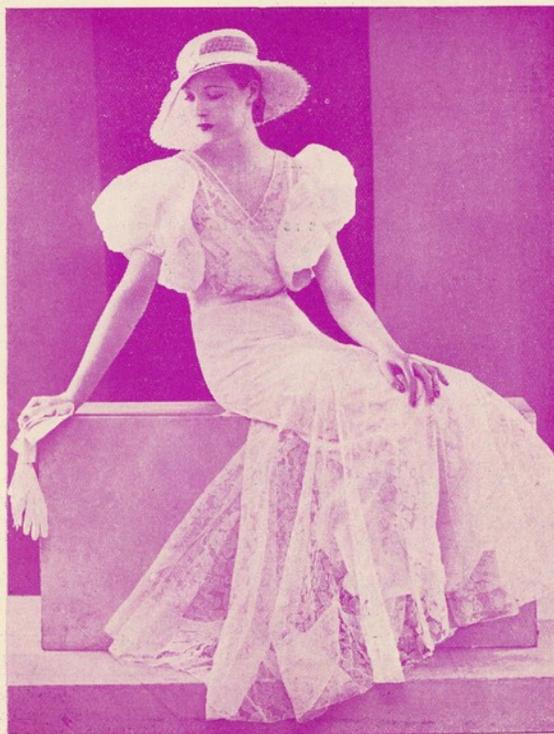
O nosso grande psiquiatra Julio de Matos — considerado e citado no estrangeiro — analisando a evolução das sociedades na sua marcha ascencional, constata que a loucura aumenta das raças inferiores para as superiores, dos povos selvagens e barbaros para os cultos, das nações estacionarias para as progressivas, das povoações provinciais para as cidades; é na raça branca, nos povos da Europa e da América, nos países mais avançados e nas grandes capitais que ela atinge as maximas proporções. A loucura e outras anomalias e doenças mentais são, pois, a natural e inevitavel consequencia da propria civilização.

Continuando a analizar a progressiva evolução dos povos atravez a Historia, o grande psiquiatra diz-nos o seguinte: «Os esforços criadores são a obra dum restritissimo numero de cerebros poderosamente organisados; são a função do genio. Os esforços conservadores são a obra dum numero maior de mentalidades, ainda superiores; são a função do talento. Mas uns e outros pertencem nas sociedades a uma «élite» intelectual que é, na realidade, a que progride, a que marcha, a que se diferencia, numa palavra, a que representa a civilização quer da espécie, quer dum pais; a massa amorfa e indistinta, a multidão homogenea, o rebanho, tem apenas a fazer um esforço de adaptação que lhe permita apropriar-se dos beneficios criados e mantidos por uns e por outros». E acrescenta: «Destas três ordens de esforços, os criadores, sendo os mais fecundos, só excepcionalmente conduzem, por si mesmos, á alienação mental; todavia o génio, de que eles procedem, é proximo parente da loucura». Na verdade, todos os alienistas são concordes em concluir e em afirmar que as associações de ideas dos alienados são, na imensa maioria dos casos, visinhas das associações de ideas dos homens de génio. E é, por isso mesmo, talvez, que os génios — embora raramente conduzam á alienação mental — nascem, quási sempre, de familias de loucos ou onde se faz sentir o peso de fortes taras nervosas e outras. Desse inextrincavel e complexo conjunto de taras e dessa visinhança de organização cerebral e de sistematização de ideas, surge a possibilidade do génio — fonte criadora de todas as conquistas humanas, de todo o progresso social — e a do talento, que conserva, desenvolve, transmite, propaga (e aperfeiçoa, por vezes) essas conquistas dos esforços criadores.

Seria a Humanidade mais feliz, se não tivessem podido surgir um Sofócles, um Socrates, um Miguel Angelo, um Darwin, um Pascal, um Newton, um Pasteur, um Wagner, um Beethoven, um Shakspeare, um Cristovão Colombo, um Afonso de Albuquerque, um Gama? Teria sido preferivel que esses genios, esses talentos e tantos outros — o mais precioso tesouro de cada nação e do mundo inteiro — não tivessem vindo, com o seu pensamento, a sua arte, o seu valor, o seu heroismo, as suas descobertas, a sua ciencia, transformar as sociedades?

Isso seria assunto para um novo artigo. Mas digamos, desde já que, se assim tivesse sido, não teriamos passado do estado de barbaria e de selvagismo, ao qual parece querer fazer-nos regressar o ego-centrico Hitler, com o Eu hipertrofiado do seu delirio de reformador.

Sobral de Campos.

ULTIMAS MODAS

Á esquerda — A linda actriz cinematografica da Metro-Goldwyn Mayer, Madge Evans com um elegante vestido de mousselina de seda azul pálido e branco. Á direita, em cima — Um ensemble chic e léve, para o calor, com um grande chapeu de palha para os lindos dias de sol. — Em baixo — Organdi e renda branca fazem este encantador modelo da casa «Ninette» de Londres, sendo o primeiro usado no tufo das mangas. Com o vestido um discreto chapeu branco, transparente, de abas largas.

Cenas doutros tempos...

Uma joia da rua

... ...

«... Quem tem uma mãe tem tudo,
Quem não tem... mãe não tem nada...»

Acompanhando as ultimas vibrações de uma voz que, entrecortada de comoção, se esvaia no espaço, saiam das guitarras acordes abafados.

Bravo! Bravo!... e as palmas estalavam de todos os cantos.

— Obrigada, «Ó Sucia». Obrigadinho, ó Malta.

A Julia-florista, vibrando ainda, agradecia as ovações quentes que os seus «fadunchos» arrancavam mais uma vez.

Pobre como Job, mas, altiva como uma rainha, airosa e gentil no seu porte desenvolto de rapariga franzina, era o tipo autentico de «fadista».

Alegre, uma companheirona, alma generosa e coração sensivel... vendia flores; e quantas vezes, na sua «giria» extravagante nos dizia, á queima-roupa:

— «Ó Salsa», dá cá um «cochicho» p'ra uma desgraçada. Olha que é p'ra dar, que eu cá, de ti, não preciso nada, ouviste?!

E era, de facto, para dar. Juntava uns «mil-reis» e lá ia contente, numa corrida, entregá-los á Sua protegida. Todos a estimavamos.

Sem a Julia não havia pandega, noitada, ou estroinice que prestasse; era a alma da propria alegria.. no meio da sua congenita tristeza. Até as raparigas — desde a «rascante» á do «liró», desde a corista á actriz — lhe queriam bem.

Por isso, todos á uma, a aplaudiam, naquela noite, sinceramente — a melhor fidalguia do tempo, boleeiros que costumavam levar-nos e que das salas do lado compartilhavam da festança com a mesma amizade com que, outras vezes, combatiam ao nosso lado de «naifa» em riste, raparigas em voga na época, actrizes, «papillons», coristas, etc.

Então, no meio da algazarra, o O. S., verdadeiro fidalgo, aprumado e distinto no seu trajar cuidado, monoculo preso por uma fita de seda e o bigode, como o cabelo, totalmente brancos — mas muito bem tratados — num gesto elegante a que a sua idade imprimia ainda mais nobreza, aproximou-se da cantadeira — já bastante comovida — e beijando-a carinhosamente na face, exclamou:

— Viva a rainha do fado!

Novos e calorosos aplausos sublinharam este gesto delicado.

— Vê lá se sujas os beiços, ó meu «ai-Jasus de conego». Não vês que eu sou a lama da rua?... Ora põe-te na «chala» e «desampara-me a capelista».

Foi com este pitoresco frazeado — gracejo e lamento — que a Julia, num esforço, tentou disfarçar uma lágrima de emoção e alegrar o ambiente que ameaçava entristecer.

No mesmo instante, do topo da meza, um dos rapazes presentes, de aspecto desembaraçado e aparencia gentil, levantou-se, oportuno a cortar o silencio que começava, e, dirigindo-se á modesta florista, ergueu a taça e respondendo-lhe num galanteio:

— Na lama da rua, tambem por vezes se encontram perolas. Julia, a tua alma é uma dessas joias raras que a lama não consegue sujar nunca.

E rematando, com energia, num gesto voluntário e masculo:

— Pela nossa querida Julia, alma bem portuguesa e belo coração, hip... hip... hip... Hurrah!!!

...alma generosa e coração sensivel... vendia flores.

O barulho que coroou esta cena foi ensurdecedor.

... ...

... Uma dezena de lindas e azougadas mulheres — amigas, conhecidas e raparigas apresentadas pela primeira vez — animavam aquela festa de mocidade com os seus ditos estouvados, risos estridentes e comunicativa alegria. Era o hino pagão á Vida... a verdadeira alegria de Viver.

Só a Julia, profundamente sensibilizada, não ria como as outras.

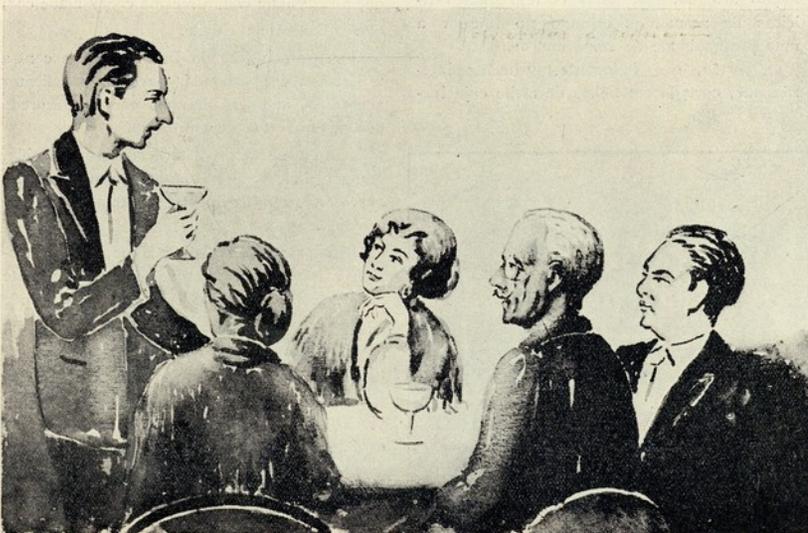
Alma esquiva, sorrateiramente, disfarçando — e como se fosse obra do acaso — parou junto do rapaz que a saudara e olhando-o com ternura, segredou-lhe, numa meiguice, muito baixinho, com vergonha de que a escutassem:

—«Ó Sant'Antoninho de porta de quinta», tu julgas que me «levas no fole» com essa «ladainha»? Ora guarda lá isso p'r'as damas da alta, que cá p'ra mim fala-me mais ao coração um beijo bem «repenicado» e onde a gente ponha toda a nossa alma.

E em silencio chorava. É que estava verdadeiramente comovida com aquele galanteio que tanto a impressionou.

... Ou não fosse ela mulher!...

Eram assim «elas» e «eles» há uns bons 20 anos.

Machaquene, 12 de Agosto de 1933.

J. Perdigão.

Pela nossa querida Julia, alma bem portuguesa e belo coração!

O futuro Jardim Zoologico

Um bonito exemplar de cudu que já se encontra no jardim

Visitámos há tempos o Jardim Zoológico, e tivemos ocasião de apreciar o muito que já ali está feito, persistentemente melhorado pelo trabalho de alguns que conseguiram, em cêrca de cinco anos, transformar um pedaço de terra inculta com a área de quási um quilómetro quadrado, onde a erva daninha crescia em todos os sentidos, num retiro muito agradavel, onde amplas estradas serpenteiam, ladeadas por arbustos variegados.

As Direcções que se têm sucedido nos cinco anos decorridos, com a sua orientação interessante e honesta, têm já conseguido desbravar, alinhar, construir, os sólidos alicerces, onde hoje se vislumbra o futuro e proximo Jardim Zoológico da Colónia.

Este Jardim será aberto ao publico muito brevemente, para o que a actual direcção está dispondo do máximo do seu esfôrço e boa vontade.

Nele encontrârão os amigos da natureza e seus admiradores, paisagens interessantes, animais de variadas espécies africanas, que, aliadas ao conforto de bonitos arruamentos, sombras e segurança, virão impulsionar, decerto, o entusiasmo dos que se têm esforçado para a realização do Jardim Zoológico.

A cercar o vasto terreno, encontra-se um muro encimado por um gradeamento, que, numa distancia de 600 metros, delimita o lado da Estrada de Marracuene, por altura do quilómetro 5.

A entrada principal do Jardim Zoologico ainda incompleta

Os lados, são cercados por marcos de cimento armado, nos quais correm quatro fileiras de arame, penetrando no interior a uma profundidade de 1.600 metros.

O portão, que é incontestavelmente interessante, cortado em linhas de estilo cuja inspiração foi bebida nas obras do Jardim de Hamburgo, possue quatro pilares, ligados por um grande arco.

Esta obra é da autoria do conhecido engenheiro sr. Campos de Carvalho.

No interior do jardim, encontram-se vários arruamentos, que facilmente conduzem aos recantos mais distantes.

Estes arruamentos, cuja construção poderia ter orçado em 1.300 contos, se no sub-solo do Jardim não houvesse saibro, deverão ficar em cerca de 60 contos e terão uma extensão superior a dez quilometros.

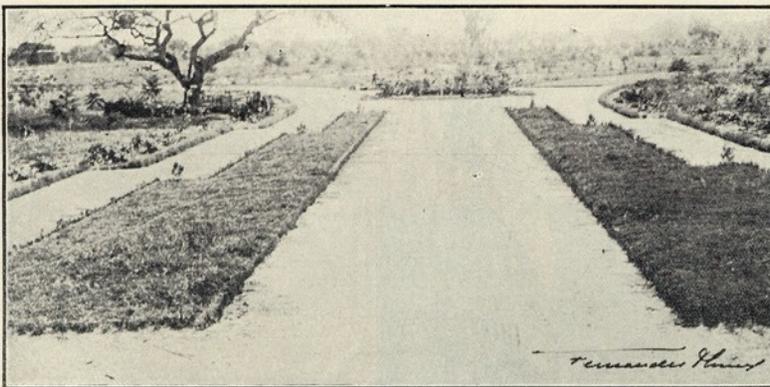
Destes 10 quilometros, já mais de metade estão prontos, dando acesso aos automoveis, que ali circulam com a mesma comodidade com que o fazem na cidade.

Uma grande área do Jardim já se encontra arborizada e ajardinada, havendo a salientar a entrada, que será limitada por um arvoredo denso, em forma de anfiteatro.

Alem da entrada, está traçada uma avenida, que será ladeada por espécies puramente africanas, dando ao Jardim uma muito tipica caracteristica.

O maior problema, o da água, que a principio assoberbou a Direcção, está praticamente sanado pela construção dum poço, para onde as águas de várias nascentes são conduzidas, e donde uma bomba as lançará para as canalizações e depósito.

Alem destas duas obras, vimos tambem o viveiro, que possue já 8:000 árvores, de 36 espécies botanicas não espontaneas, sobressaindo 12 géneros de eucaliptos, e, o pomar, que, embora ainda pequeno, já está em condições de alimentar bastantes animais frugiveros.

No Jardim, e á solta, vimos um chango e

Talhões ajardinados

uma cuda, duas mascotes do Jardim, uma familia de macacos e alguns cabritos.

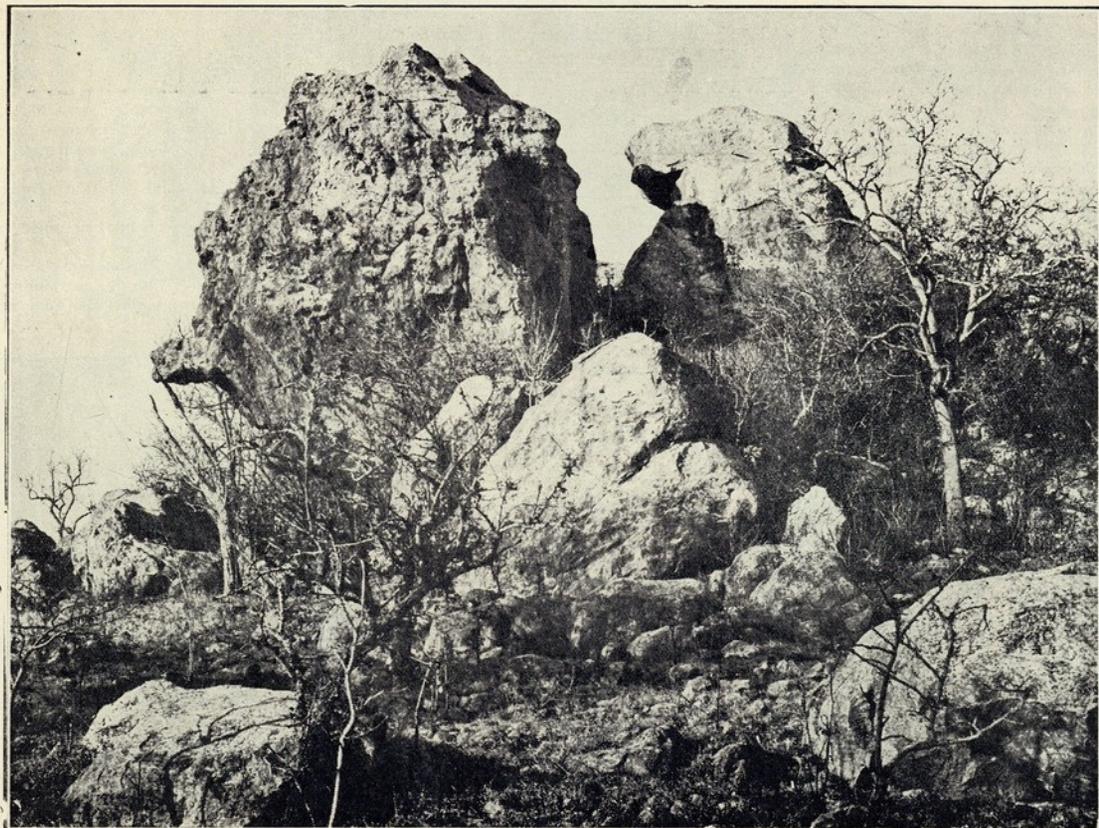
Ali, tenciona a Direcção dar ampla liberdade a todas as espécies animais, construindo fossos para os mais perigosos.

As aves, estarão em amplissimas gaiolas, no interior das quais alguns arbustos e arvores serão plantados.

A meio do jardim, foi elevado um morro, para quebrar a menotonia da planicie, no cimo do qual ficará um amplo caramanchão, encimado pelo depósito de água.

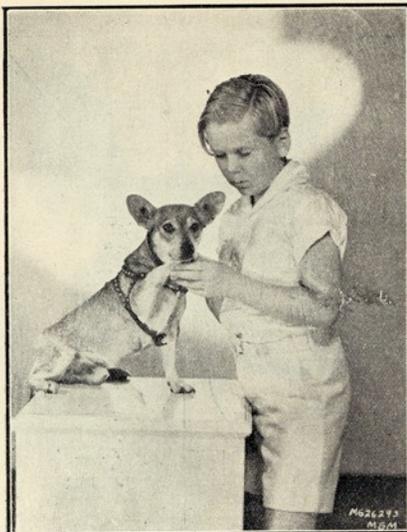
Em suma: muito brevemente vamos ter um excelente Jardim Zoologico que honrará a Colónia e que constituirá mais um lugar de aprazivel recreio para residentes e turistas.

W. Waddington.

Plano geral do novo Jardim Zoologico

Um trecho da Serra conhecida pela dos Macacos, na estrada do Impamputo

(Cliché de A. Amorim)

JACKIE COOPER

o astro infantil da Metro

Jackie Cooper, o simpático artista de três palmos e pouco mais, da Metro-Goldwyn--Mayer, foi submetido há um mês a uma intervenção cirurgica numa casa de saude de Hollywood.

Jackie, depois de operado com êxito, mostrou desejos de descrever aos seus admiradores miudinhos e graudos como tinha sentido a sua doença desde os primeiros sintomas até á realização da operação.

É ele, pois, que vai falar.

... ...

Depois de ter brincado imensamente um domingo inteiro com os meus amiguinhos, jantei com os meus papás e á noite fomos dar um passeio para auxiliar a digestão.

Regressados a casa, fui para o meu bonito quarto e deitei-me. Algum tempo depois comecei a sonhar que estava num campo de futebol a jogar um grande desafio, com outros «miudos», e num dado momento, quando corria numa carga ao «keeper» na ansia de meter um goal, senti um grande pontapé na minha barriga, dado por um adversário.

Compreendi que algo de anormal se passava e... gritando, acordei, continuando a sentir a forte dôr na barriga, até que, não a podendo suportar mais, tive de pedir socorro á minha mamã, que apareceu rapidamente junto de mim, muito assustada.

«Mamã, minha barriga «tá doer muito»! disse-lhe.

Ela olhou para mim e correu ao telefone a chamar o nosso médico com muita urgencia.

O doutor não se fez esperar e logo que chegou ao pé de mim carregou com os dedos na minha barriga, e disse para a mamã:

— Chame imediatamente uma ambulancia.

Então eu pedi á mamã que mandasse vir uma ambulancia que tivesse uma sereia muito forte.

Logo que me puseram no pronto socorro gritei para o «chauffeur»: Pronto! Pode largar para a corrida, mas cautela com os postes e com os incautos, porque, se atropela alguem, tem de o socorrer, e depois o carro leva pêso a mais e gastamos muito tempo a chegar á meta.

Voámos pelas ruas da cidade, mas, imaginem, a ambulancia não tinha sereia! O meu primeiro passeio de ambulancia foi numa ambulancia sem sereia! Ora esta!

Logo que cheguei ao Hospital e me deitaram numa boa cama, num quarto muito alegre, fui rodeado por mais de uma duzia de enfermeiras, que começaram a esfregar a minha barriga com um liquido que ardia a valer.

Disse-lhes que não queria fazer desaparecer a barriga, como faziam muitos dos meus colegas do Estudio, mas elas só me preguntavam se ainda tinha muitas dores. e eu, para que elas me deixassem, respondia--lhes que já estava bom.

Depois levaram-me para a sala de operações, tendo-me nessa altura minha mamã recomendado de tal modo que me portasse como um heroi, que até julguei que me teria de defrontar num «ring» com algum «boxeur».

Não deixaram entrar a mamã para a sala e tremi, não sei se de mêdo, se por falta de coragem.

Á minha roda não via senão ferros e vidros que me assustavam bastante e pedi aos médicos que me deixassem ver tudo aquilo antes de ser operado. Ele não cederam. Depois de acenderem um enorme projector por cima de mim, preguntei ainda se ia-mos filmar alguma cena que eu não tinha estudado, mas colocaram-me um pedaço de algodão no nariz com um liquido qualquer e mandaram--me cheirar.

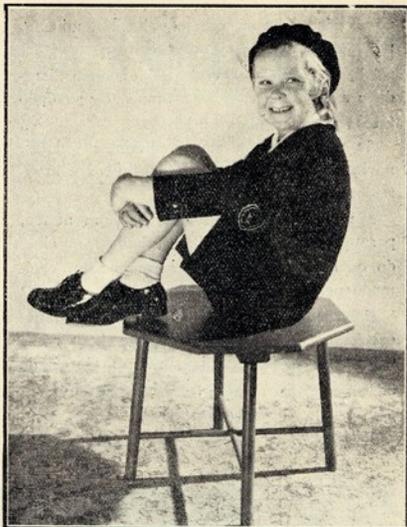
Cheirei e adormeci. Comecei a jogar o futebol outra vez com os mesmos garotos do dia anterior e, sem saber como, deixei de dar pontapés na bola para começar a ouvir uma canção encantadora que uma das estrelas da Metro cantara num dos ultimos filmes produzidos.

Depois nada mais posso recordar até ao momento em que, abrasado por uma sêde angustiosa, pedi que me dessem um copo de água, que não me deram.

Senti vontade de chorar pela primeira vez em toda aquela minha situação de doente.

Mais tarde comecei a ver á minha roda o meu padrasto e a minha mamã, enfermeiras e alguns amigos, a quem preguntei o que é que me tinham feito, dizendo-me a mamã que tinha sido operado da apendicite, e que o apendice tinha o dobro do tamanho regular dos que têm tirado durante o ano.

Fiquei satisfeitissimo e bastante orgulhoso por saber que o meu apendice tinha batido o «record» em tamanho e eu ignorava que o tinha dentro de mim.

As cartas e flores dos meus amigos começaram a chover no meu quarto e quando a mamã quis deitar fora as flores murchas, opuz-me, pois não gosto de desperdiçar o que me dão de presente.

* * *

Agora que já lá vão uns dias de permanencia no hospital, as coisas já se me estão tornando enfadonhas.

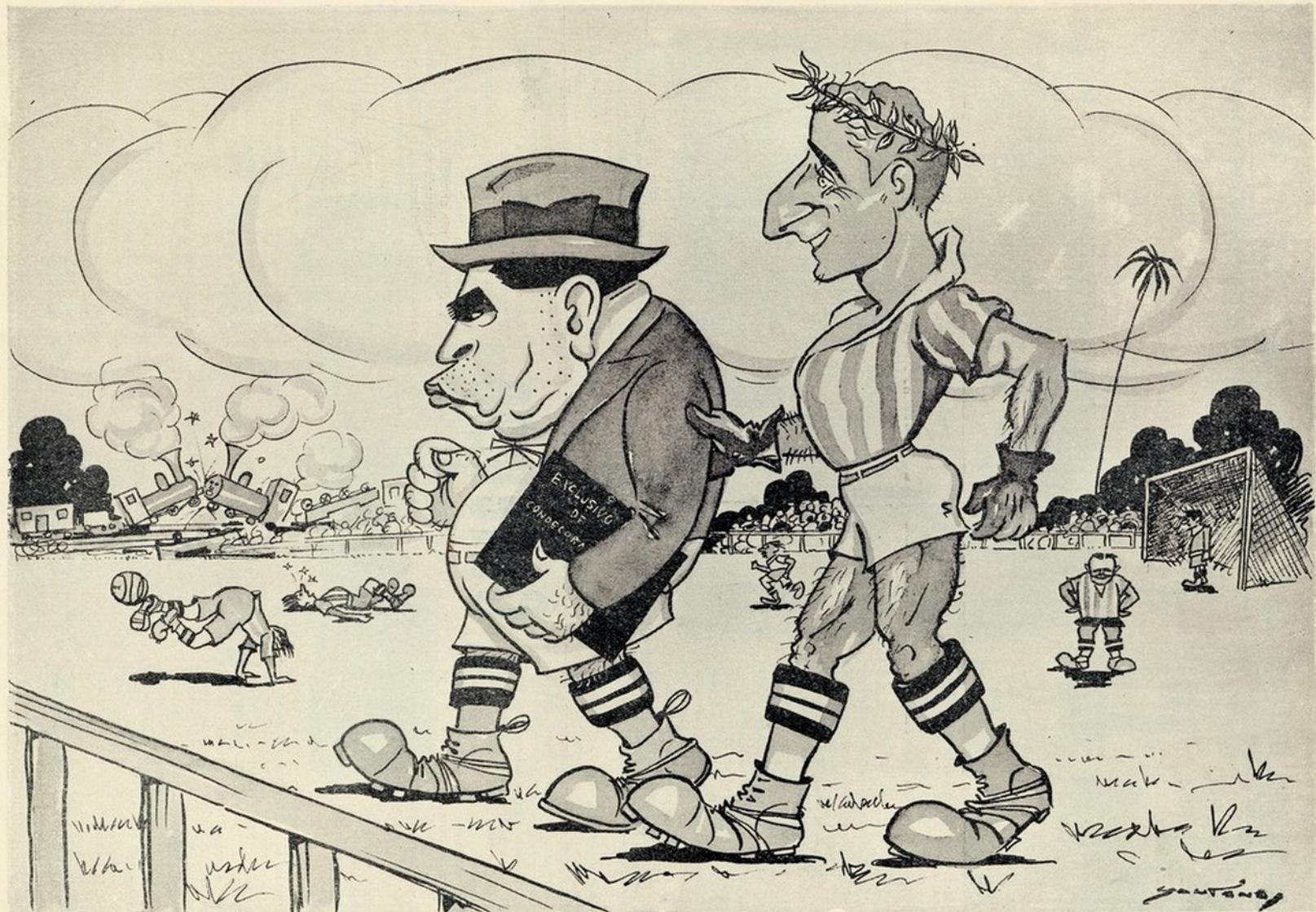
Os melhores momentos que ainda por aqui passo são aqueles em que me lêem os contos engraçados dos jornais.

Quando me levantei e me fui ver ao espelho reparei que os meus lábios estavam muito inchados.

Julguei que alguem me tinha dado um bofetão e falando nisto ás enfermeiras estas disseram-me que eu tinha mordido os lábios durante o desafio de futebol que jogara na sala de operações.

Agora já me sinto bem. Já falo com todas as pessoas que me visitam e até já fiz festas ao meu grande amigo, o «Boby», que assim que me viu lambeu-me todo como que a felicitar-me pelas minhas melhoras.

Entre os inumeros presentes que me têm trazido um há que bastante me agrada; um bonito barco que o meu amigo Johnny Weissmuller me trouxe quando eu ainda estava de cama.

Logo que saia do Hospital vou começar a trabalhar num novo film de que muito hão-de gostar todos os meus admiradores do mundo cinéfilo.

Um amuo desportista

— Mal com a selecção por amor das bolas, mal com as bolas por amor da selecção!

O Crime da Catembe

Continuamos hoje a publicar o relatorio dos nossos informadores, tal como consta do seu diário de investigações. É como segue:

Junho, 12.

(Ás 23 horas).

Andamos, os três, cada vez mais empenhados em descobrir a verdade, essa verdade que, em casos desta natureza, se oculta obstinadamente, como que disposta a fazer perder a paciencia mesmo aos dotados de maior tenacidade e perspicacia.

Quando tenho lido os romances policiais ou acompanhado de perto as investigações e os relatos de certos crimes, algumas vezes parei em frente do engenho imaginativo dos autores das primeiras, como admirei a persistencia e a habilidade de certos directores e agentes da policia na presença de casos misteriosos e embrulhados como este. E embora tenha sempre reconhecido, intimamente, o incontestavel valor de uns e outros, o certo é que nunca fizera uma idea justa desta espinhosissima missão. Agora é que eu a avalio bem e que compreendo o conjunto de qualidades que é necessário reunir para meter ombros, com exito, a semelhante tarefa.

Conseguiremos, nós os três, completarmo-nos por forma a conseguirmos esse conjunto de qualidades que ás vezes, como que por um milagre da natureza, se encontram, conjugadas e harmonicas, num só «detective»? Vamos a ver... Vontade não nos falta.

Há pouco, ao fim do jantar, reunimo-nos para uma troca demorada de impressões em face dos elementos até agora colhidos.

O mais dificil, nestes casos, é, sem duvida, a escolha da pista a seguir. E no nosso caso, tão confuso e complicado, há, pelo menos, três pistas possiveis — alem duma outra que se anda esboçando no meu espirito e de que ainda não dei parte aos meus companheiros. Ficará para depois, se nenhuma das três hipoteses já encaradas nos conduzir á descoberta do crime e do criminoso ou criminosos.

Todos nós temos temperamentos muito diversos. Eu, mais calmo e reflexivo, mas, por isso mesmo, menos activo e arrojado. C. N., nervoso, irrequieto, incansavel, sempre pronto a deslocar-se para qualquer ponto e a perder as noites, dormindo pouco e de qualquer forma. J. D. — o nosso fotografo — activo mas mais tranquilo e dotado dum certo humorismo que ás vezes põe uma nota comica no meio dos nossos trabalhos — nota que, embora em certos momentos irrite um pouco os nervos sempre vibrantes de C. N., constitui um tonico salutar para nós todos, que acabamos sempre por sorrir ou por nos rirmos á vontade.

Há pouco, depois do jantar, — durante o qual, deliberadamente, falamos de tudo menos do crime — reunimo-nos, como disse, enfrentando o caso.

Interromperamos o interrogatório do Matunalana na altura em que o deixei escrito a fls. 11 e 12 e tinhamos ido á procura da tal indigena que parecia ter alguma coisa de importante a revelar. Não a encontramos, porém, e só amanhã — ao que parece — teremos probabilidade de nos avistarmos com ela. Já estavamos muito contrariados com o insucesso da «demarche» (e eu muito aborrecido com o ter interrompido o interrogatorio do Matunalana, que me pareceu um grande actor) quando um facto inesperado se nos deparou no caminho: encontramos uns fragmentos duma carta em italiano que veio avigorar-nos suspeitas que já tinhamos, acentuando-nos uma das pistas.

A vida dos «detectives», mesmo dos amadores como nós, tem destas surpresas interessantes, as quais, se umas vezes abrem clareiras de luz no emaranhado nebuloso das hipoteses e dos pontos de interrogação, conduzindo a um caminho definitivo e seguro, outras só servem para complicar esse labirinto e tornar mais denso e compacto o quadro das duvidas.

— Estes bocados de carta são preciosos e devem levar-nos direitos ao fim — comentou C. N. mordendo nervosamente a sua boquilha de marfim.

— Não sei porquê... — atalhou J. D. com um sorriso ironico e quisilento.

— Porque quem escreveu esta carta deve ter sido a mulher de branco, a companheira do inglês — insistiu C. N. já apaixonado pela sua idea.

— Isso é avançar muito...

— Não será — intervim eu. Se nós ignoramos absolutamente a nacionalidade dessa mulher e se não temos nenhum motivo que nos leve, por emquanto, a concluir que ela é inglesa tambem, nada nos impede de admitir que seja italiana...

— Ou que saiba escrever correntemente o italiano mesmo que pertença a outra nacionalidade — completou C. N.

Estabeleceu-se um silencio. Todos ficamos calados, olhando atentamente aqueles fragmentos da carta que, em cima da nossa mesa de trabalho, já colados sobre uma folha de papel escuro — o primeiro que tivemos á mão — se apresentavam a um tempo misteriosos e tentadores. Aqueles pensamentos incompletos, aquelas frases truncadas, á mistura com outras completas e claras, mas tocadas de mistério, prendem, de facto, a nossa atenção e não devem deixar de ser devidamente ponderadas. E, agora que C. N., sempre inquieto e sempre activo, partiu no automovel para mais uma «démarche» que ele reputa importante mas que eu considero de somenos utilidade, e que J. D. deliberou dormir umas horas como se coisa alguma o preocupasse, eu aguardo o regresso de C. N. e vou procurar fixar ideas e traçar o plano de trabalhos para amanhã, ás primeiras horas do dia.

Na verdade a carta pode ter uma decisiva importancia. Não há duvida que ela encerra qualquer coisa de complicado. Penso que não andarei longe da verdade se a considerar intimamente relacionada com o crime e se admitir que tudo isto gira á roda duma questão de contrabando de ópio ou de diamantes.

Precisamos, primeiro que tudo, saber quem é o inglês. Descobrir, depois, a nacionalidade da sua companheira daquele dia. Como sabê-lo se, por emquanto, ignoramos tudo, a começar pelo numero e marca do carro? Pelas declarações do Matunalana sabemos apenas, por ora, que o carro era fechado. E isto partindo do principio de que ele não faltou á verdade nesse ponto do seu depoimento. Como averiguar o caso?? Como conseguir esses detalhes?

O que parecia mais logico era avistarmo-nos, logo de manhã, com a indigena que vive em casa do desaparecido e suposto morto, como sua mulher. Essa deve poder informar-nos, deve conhecer perfeitamente o inglês, saber o seu nome, conhecendo, possivelmente tambem, a mulher que o acompanhava. Mas, se a preta estava tambem metida no segredo do contrabando e a tal empresa prestava qualquer auxilio (eu continuo a supor que disto se trate), nada adiantará com receio de ser apanhada nas malhas da justiça. É talvez melhor só a ouvirmos depois de interrogarmos o cosinheiro e a mainata, referidos pelo Matunalana. Estes, bem inquiridos e apanhados de surpresa, devem adiantar, certamente, mais alguma coisa.

E, munidos com os elementos que deles nos fôr possivel colher, passaremos, então, a ouvir a companheira do morto (tudo indica que ele foi morto).

Assim, se os meus companheiros concordarem em deixar-se guiar por mim nesta fase das nossas investigações, amanhã, logo ás primeiras horas, vamos dirigir-nos a casa da vitima e vamos sujeitar estes dois figurantes (o cosinheiro e a mainata) a apertados interrogatorios. Emquanto eu e J. D. — que convem que fique junto de mim para tirar qualquer fotografia que considerem os util ou necessária — vamos proceder a esses interrogatorios, C. N. partirá no automovel com duas missões: 1.ª Ver se descobre o paradeiro da tal indigena, cujas revelações e esclarecimentos esperavamos obter hoje; 2.ª procurar encontrar outros fragmentos da carta, que melhor possam orientar-nos, e, especialmente, o bocado ou bocados onde se leia a assinatura (se a teve) e o nome da pessoa a quem foi dirigida.

No meio de tudo isto, o que mais me impressiona é o silencio das autoridades e o elas terem recusado terminantemente o nosso auxilio. Oxalá se não arrependam, pois — penso eu — que não seria nada agradavel que fossemos nós, particularmente, trabalhando por amor á arte, verdadeiros amadores em casos destes, quem viesse a descobrir a verdade no meio desta emaranhada meada... No entanto, elas lá têm as suas razões e (quem sabe?) talvez já estejam — primeiro e melhor do que nós — de posse de mais claros e seguros elementos, seguindo uma boa pista.

De resto, sempre nos fica o direito de tratarmos este caso na imprensa, se houver algum jornal disposto a acolher-nos e algum jornalista decidido a ocupar-se do assunto com vivacidade, persistencia e desassombro. Tenhamos essa esperança!

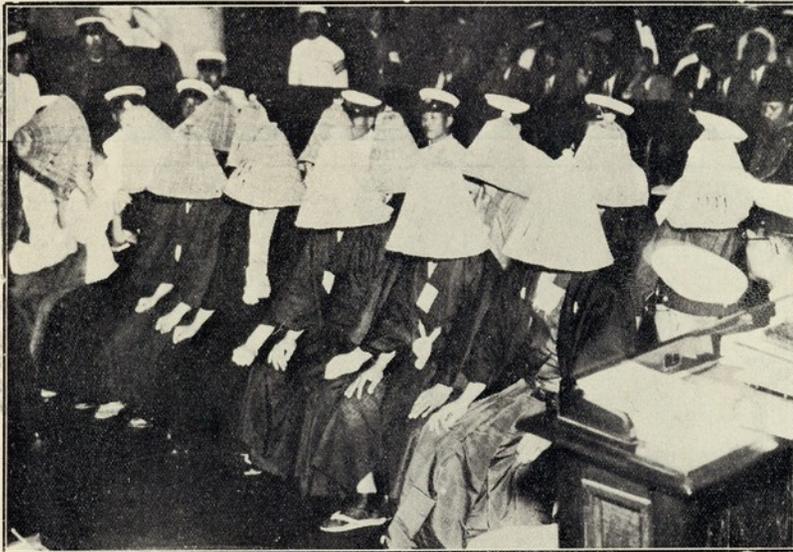
... ...

(Meia noite e um quarto).

C. N. regressou. Afinal, não foi inutil, como me parecia, a sua «démarche». Trocamos impressões sobre o meu plano. Concordou. Vou pôr o despertador para as 4 1/2 e descansar estas poucas horas. J. D., que dorme tranquilo como um justo, com a máquina fotográfica a um lado e uma pistola do outro, ignora, por completo, as nossas deliberações e os resultados da «démarche» de C. N. Assim, vai ficar, certamente, muito surpreendido quando o despertador nos chamar ao nosso posto.

No Japão

Não é só em Portugal que a justiça é morosa. Isso, porem, não é motivo para nos conformarmos com esse mal...

Os nossos leitores devem estar lembrados de que, entre a consideravel onda de crimes politicos e de atentados pessoais praticados, por esse mundo fora, contra individualidades em destaque, o telégrafo nos comunicou, em Maio do ano findo, o assassinato de Im-Kai, presidente do ministério japonês — assassinato levado á prática por terroristas pertencentes á «Liga da irmandade do sangue», que, nessa mesma ocasião, realizou outros atentados e praticou outras violencias.

Pois só no mês findo teve lugar o julgamento dos acusados desses crimes, ignorando nós, por emquanto, o resultado desse julgamento, mantendo-se o telegrafo silencioso.

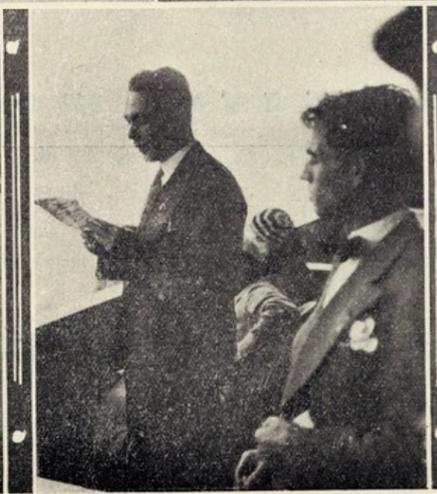
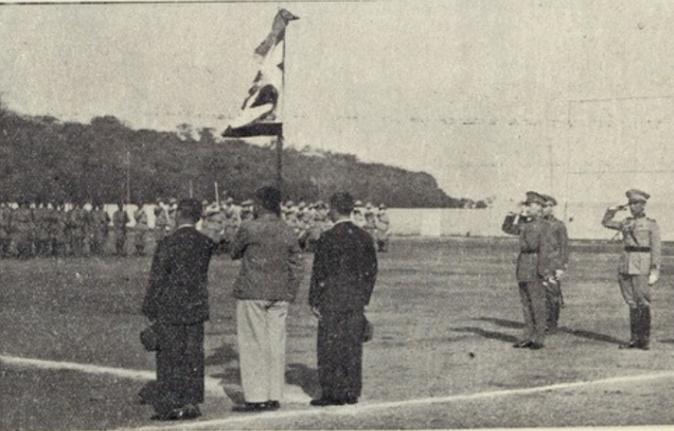
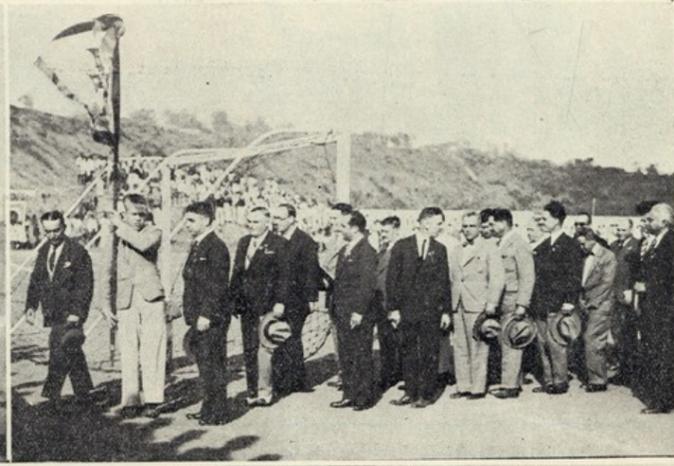
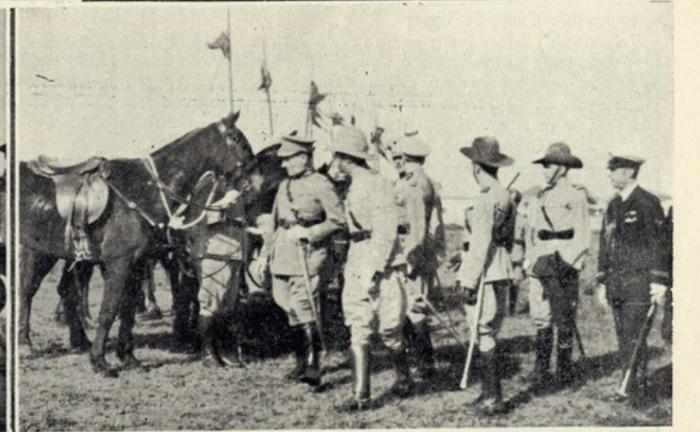
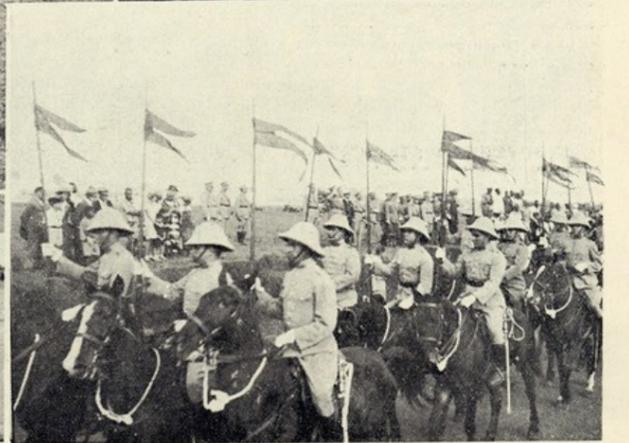
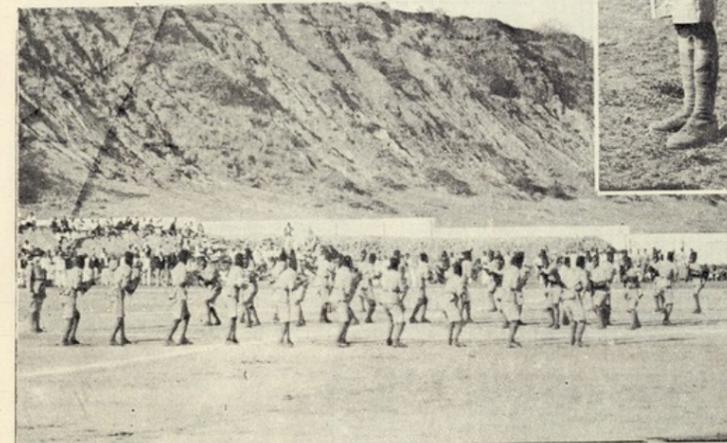
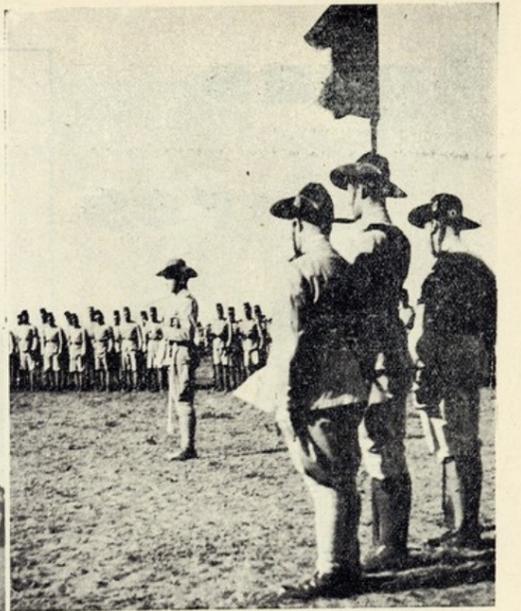
Uma das nossas gravuras mostra-nos um grupo dos reus, na audiencia de julgamento, com as cabeças cobertas, segundo o costume japonês, com cestos de verga. A outra gravura esclarece-nos sobre os rigores usados para com a assistencia ao julgamento, pois ninguem podia assistir a ele sem ser previamente revistado.

Bandeiras de Portugal

Na manhã de domingo 20 de Agosto teve logar no campo fronteiro á carreira do tiro de Lourenço Marques, a cerimonia do juramento de bandeira pelos recrutas indigenas das diversas unidades da guarnição militar. Esta cerimonia realisou-se com a presença do sr. Encarregado do Governo, tenente-coronel Soares Zilhão, do sr. Chefe do Estado Maior tenente-coronel Pinto da França, de bastantes oficiais e de muitas pessoas da classe civil.

Na tarde do mesmo dia, realisou-se no campo do Sporting Club, com a assistencia tambem do sr. Encarregado do Governo e na presença de contingentes da guarnição, uma festa militar desportiva promovida pela direcção da agencia local, com o fim de comemorar o recebimento do estandarte que a Direcção Central da Liga dos Combatentes da Grande Guerra lhe mandou entregar.

A essa festa que se revestiu duma grande solenidade compareceram bastantes combatentes, entre eles o sr. dr. Jacinto de Sousa que leu um apropriado discurso.

Varias meninas fizeram durante a festa a venda do capacete de trincheira, em miniatura, a favor das vitimas da guerra.

Aspectos do juramento de bandeira pelos recrutas indigenas e da entrega do estandarte á Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Aguas Livres

Foi por estes arcos, foi por este aqueduto, que se matou aos «alfacinhas» uma «sede de água».

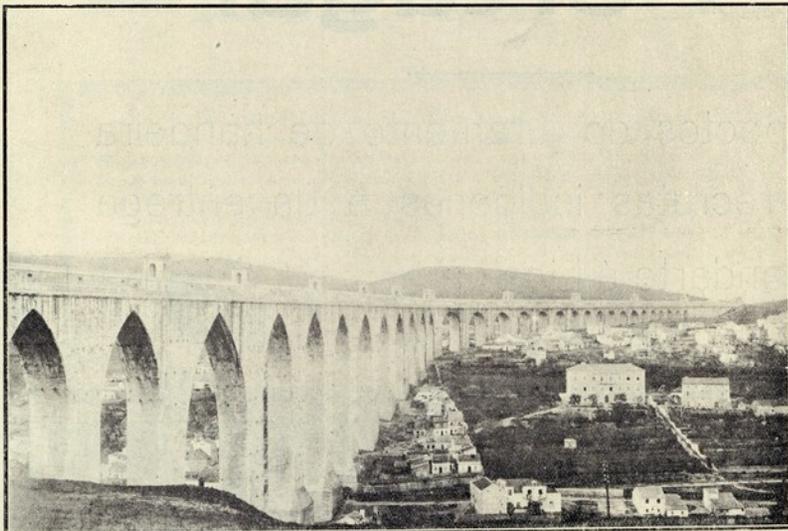
Hoje, a Companhia das Aguas de Lisboa, traz do Alviela, — esse limpido afluente do Tejo —, por outros caminhos, por uma longada de cinquenta quilometros de canos de ferro atravez das terras da Extremadura, a maior quantidade de água que abastece a Capital.

No entanto, pelas galerias dos arcos corre o aqueduto que tambem refresca as securas de Lisboa. Esta água é guardada no depósito da «Mãe d'Agua», á Alegria, a outra é depositada nos «Barbadinhos» a Santa Apolonia.

O Aqueduto das Aguas Livres é uma das obras mais uteis e de maior importancia que foram feitas no tempo do Rei Magnanimo. Se D. João V foi alcunhado de esbanjador das nossas riquezas do Brasil, pelas suas construções de grandiosidade luxuosa, demasiada grandiosidade dalgumas delas, tambem edificou, tambem promoveu necessárias obras de utilidade. O aqueduto é uma delas.

O aqueduto teve a sua nascente no sitio de Caneças, sendo a sua extensão até Lisboa--Amoreiras, perto de quatro léguas, onde então as águas se dividem para os canos que as vão levar aos vários chafarizes da cidade, chafarizes onde dantes os «aús» galaicos enchiam os barris que vendiam a vintem, dizendo: «ai--agua é diles, mas nós é que la bindêmos!», e agora todos vão encher bilhas.

Dois foram os arquitectos encarregados desta obra. Um, Manuel da Maia, o outro o sargento-mor Custodio Vieira.

Falando dos Arcos, estes são, ao todo, 127, sendo os mais notaveis os 35 da Ribeira de Alcantara — aqueles que uma das nossas gravuras apresenta — e, que correm numa extensão de 780 metros.

Dêles, o maior — o Arco Grande — tem perto de 70 metros de altura.

A outra nossa gravura mostra os Arcos nas Amoreiras, os Arcos, que vindos de Campolide, pelo Alto de Varejão, S. João dos Bemcasados, vem parar no topo da Calçada da Fábrica das Sedas, na «Mãe d'Agua» das Amoreiras.

Estes «Arcos das Aguas Livres», tambem trazem ligados ao livro das suas Memorias a vida esturdia e caracteristica das gentes da primeira metade do século XIX, a vida das feiras, a vida das hortas.

Viveram eles horas de alegria e de tragédia. Ouviram o trinar alegre das guitarras, o cantar das gargantas fadistas, viram o sorrir dos lábios de namoradas burguesas e o brilhar dos olhos das comicas. Conheceram lágrimas de tortura, suplicas de misericordia para mãos assassinas, olharam manchas de sangue.

As «Memorias» dos Arcos, encerram Alegria e Dor, contêm as gargalhadas de felicidade e a sordidez dos Dramas. Os da Ribeira de Alcantara — os da baixa de Campolide — conheceram a Tragédia.

Foi do alto deles, das varandas que os percorrem e que eram caminho de peões que dos arredores vinham á cidade, que Diogo Alves, o celebre criminoso, os esperava para lhes roubar os dobrões de ouro, os pintos e os cruzados de prata, e para lhes ceifar as vidas. Das guaritas dos Arcos, o facinora espreitava a despreocupação dos caminheiros incautos, para dum salto lhes tolher o passo e a vida, como em plena selva um jaguar sedento de sangue espia os passos duma preza. Espoliada ou violentada a sua vitima, arrojava-a depois lá do cimo do Arco-Grande, estatelando-a ensanguentada na baixa das terras da Ribeira de Alcantara.

Estas foram as horas da tragédia. Mas a compensá-las, vinham depois as guitarradas, as batidas das seges para as hortas, a esturdia, a boémia da época.

«O Retiro da Rabicha», na baixa de Campolide, ficou por muitos anos sendo um dos preferidos para passar a quinta-feira de Ascensão, — o dia da Espiga. Depois de se apanharem espigas de trigo e de ramos de papoulas, de malmequeres e de oliveira, no «Retiro», comiam-se postas de peixe frito com muita salada e com muito vinho torrejano.

Cá — nas Amoreiras — houve a «Feira», a feira que antecedeu as do Campo de Sant'Ana, de Ancantara e de Belem.

Á luz de candieiros de acetilene, atirava-se ao alvo, ás pucaras, comia-se alféloa, bebia-se o capilé de cavalinho e deleitava-se o espectador com um dramalhão ou opereta e com os maillots de algodão exibidos pelas artistas do «Teatro Dallot», espectáculo que lhe custava apenas quatro vintens para as cadeiras e um «pataco» para a geral.

Os tempos correram, os tempos passaram e hoje os «Arcos de Campolide» vêem quási uma cidade construida á sua volta, ouvem o silvo das grandes locomotivas dos rápidos e do «sud-express», que levam nas suas fofas almofadas a gente deste século, mais snob e mais estilisada, mas menos alegre e menos feliz que aquela que junto deles passou primeiro.

Os «Arcos das Amoreiras» vêem o terreiro que foi a sua «Feira» feito jardim, olham para a criançada chilreante que corre atraz dum arco ou monta um tricicle, e sente o catarral dos majores reformados, que sentados nos bancos curam ao sol o reumatico e a saudade. Tilintam as campainhs dos electricos e as águas vão correndo dentro dos «Arcos das Aguas Livres» — águas nada livres, porque a Companhia as vende... a metro!

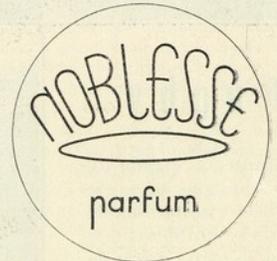
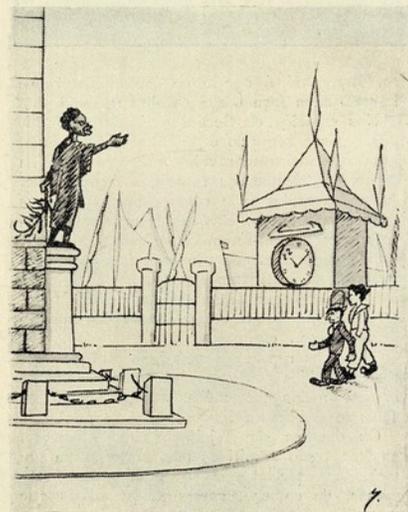
A C T U A L I D A D E S

1 — Um aspecto do casamento de Miss Mabel Sayer, filha de Mr. e Mrs. H. J. Sayer, realisado no dia 14 de Agosto. **2** *— Um aspecto do casamento de Melle. Isabel Casaleiro, filha do sr. Carlos da Silva e de sua esposa D. Perpetua Casaleiro da Silva; com o nosso presado camarada de redacção, tenente de artilharia sr. Caetano Montez, á saida da Igreja Paroquial.* **3** *— Aspecto do casamento de Miss Molly Hill-Waters com Mr. C. S. Pillinger, realisado no dia 28 de Agosto.* **4** *— Um aspecto da festa de despedida dos setimanistas do Liceu 5 de Outubro, que seguem para Lisboa a bordo do «Niassa».*

Rugby

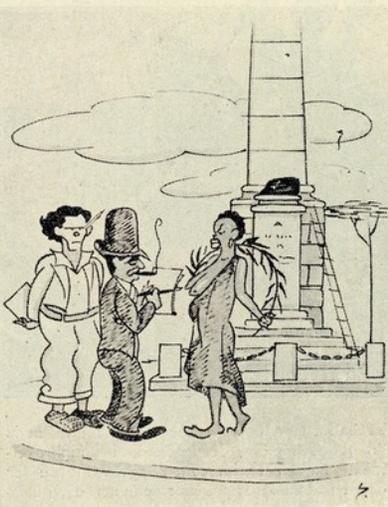
Durante a estada do navio de guerra inglês «Carlisle» nesta cidade, reali-ou-se um desafio de «rugby» entre o team daquele navio e uma selecção de Lourenço Marques, de que saiu vencedora a selecção da cidade.

Em cima á esquerda, o team do «Carlisle»; á direita, o team de Lourenço Marques; em baixo, uma interessante fase do desafio.

ELIZABETH ALLAN — estrela da Metro-Goldwyn-Mayer

— Shawani, molungos — disse Ela.
— Adeus, pequena — dissemos Nós.
Esse «Ela», — é uma conhecida figura feminina da cidade. O «Nós», — o Santana e Eu.
Corria branda a noite e a ponte-cais era serena. No relógio da porta «1», palpitavam as 22 da Hora Oficial, aquele a que o dr. Soares puxa os cordelinhos. Aos nossos olhos, iluminada pela luz dum luar de Agosto que lhe punha na linha do corpo salpicos luzidios, surgiu uma rapariga que, tolhendo-nos o passo com o cumprimento acima citado, continuou depois:
— Que destino levam?
— Flanar!
— Palestrem comigo um bocadinho. Eu conheço-os.
— Tambem nós. Nunca tivemos a honra de lhe ser apresentados, mas conhecêmo-la.
Neste momento pensámos: — «Todos fazem entrevistas, todos dão entrevistas, porque não havemos nós de entrevistar esta pequena»?
— Está disposta a dar-nos uma entrevista?
— Fixe e garantida.
— É que nós, andamos há muito com o desejo de entrevistar alguem de relevo e de destaque nesta terra.
— Isso é que é sorte! De destaque maior

No relogio da porta 1 palpitavam as 22...

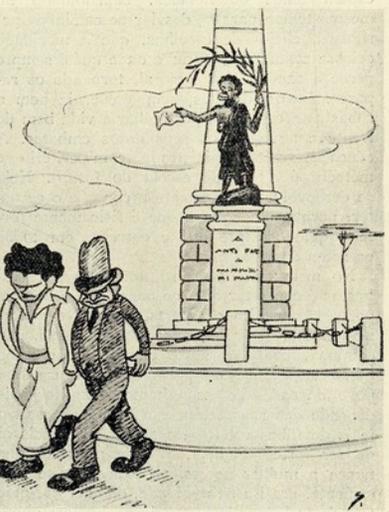
do que o meu não encontram outra menina na Colónia. Estou de alto, de muito alto, vêem bem. De mais relevo tambem peço meças, pois fui quási cinzelada e tenho a recortar-me a linha dum bronze...
— Diz Vocelencia muito bem. E visto isso, rapa do lápis, ó Santana, emquanto eu «desarrinco» da permanente.
Começámos, de olhar cerrado — como uma loja cá da terra em quarta-feira á tarde —, numa evocação dos tempos, ouvir «deliciosamente» a voz da pequena como num sonho — (os dois «sêmos» poetas) — num verdadeiro sonho duma noite de Agosto... dos Quinteros.
— Como se chama?
— Hermengarda.
— Que poesia de nome!...
— Tem poesia? É para que saibam, que não é só aquela minha colega, què vocês têm lá na Lisbia, que é um poema!
—Colega... poema?!
— Aquela menina Verdade, que passou á imortalidade na imorlidade de ter caído nos braços do Eça de Queiroz. Eu tambem estou imortalizada aos pés do Grande Homem desta estatua. Como vêem ela é minha colega na gloria.
— Duas Verdades de cor diferente. Ela uma Verdade muito a nu...
— Eu um Nudismo... muito cru!
— Vejo que estamos na presença dum espirito gracioso...

— Um pouco neurastenica, um pouco «blasée»... talvez porque sou uma incompreendida.
E, volvendo o olhar bronzeo para um guindaste que despejava um panelão de carvão para um «Castle», com balanços dum tango, disse num suspiro: — «Quem me dera ser taxi-girl»!...
— Menina Hermengarda, abra-nos o coração!

...peguei na minha caneta para lhe fotografar as palavras

Sonho duma noite de Agosto...

Uma figura de Lourenço Marques concede uma entrevista

Acocorou-se junto de nós e deu largas á loquela.

— E a alma tambem?
— O coração, a alma, o fígado, a apendicite... tudo!
Descendo do pedestal, disse-nos:
— Vou contar-lhes a minha vida desde o que fui até ao que sou.
— Confie no lápis do Santana para lhe colher as expressões do sentimento e na minha caneta para lhe fotografar as palavras.
Acocorou-se junto de nós e deu largas á loquela:
— Vim da terrinha, menina e moça, trazendo a anilha de latão na perna e o sol da selva no coração. Cheguei aqui — ao cais — usando uma capulana de chita mal jeitosa, trazendo a guedelha empiolhada, o calcanhar rachado porque andei sempre a pé. Nunca tomei banho, roía as unhas e pensava num Xilungana que morava numa palhota visinha e me arreganhava a beiçana quando me via, de cócoras, a pasar a espiga do milho pelas brazas do fogo do capim.
— Foi o primeiro capitulo do seu romance.
— Foi!... Um dia, comprei uma saia de peterpan e uma «bluzia» no Fabião do Alto--Maé, comprei tambem umas meias de algodão num monhé da rua da Gavea, uns sapatos num Amad, da Ferrer, experimentei tomar banho — mas não gostei — penteei o cabelo, pus um chapelinho no toitiço, passei a andar de machimbombo e a dar piscadelas de olho ao moleque duma senhora que morava ao lado e que ao mata-bicho me dava á trincar amendoim.
— Findou aqui o segundo capitulo.
— Findou. — Certa manhã, vesti uma toilette de seda, cortei o cabelo, fui á manucure, tomei banho e repeti-o todos os sábados, guarneci-me de colares do John Orr, de lindos sapatos de polimento, meias Kaisers com baguettes bordadissimas e andei de taxi. Comecei tambem a falar da Marlene Dietrich, do Chevalier, da Norma e da Greta. Aceitei

...e nós viemos sonhar com Ela

a côrte dum auxiliar da policia porque a farda me seduziu.
— Aqui terminou o terceiro capitulo.
— Terminou. — Agora, desci as saias até á elegancia da camurça dos sapatos, não uso meias, ondulei-me, tomo banho todos os dias e não me constipo. Perfumei-me com Noblesse e uso cremes Nallys, ando ao volante dum auto, jogo o tenis, fumo Abdulas, atiro fichas nos plenos dos Casinos, trago anel brazonado, já tenho sangue azul, chamam-me Miss e desejo casar com um doutor!
— Ultimo capitulo?
— Quasi. — Como ouviram sou uma mulher moderna, uma mulher chic.
— Tem razão a Hermengarda em chamar colega á «Verdade» branca... de lá.
— Colega? — Irmã. A minha historia... é a historia de todas as «Verdades»... que por cá vivem!
— Bassope! — dissemos nós.
Como já era tarde e não era bonito que os passageiros das carripanas, vindas dos cinemas, nos vissem naquele coloquio, nem tampouco os coches Luiz XV das limpezas nos perfumassem o sonho, despedimo-nos. Hermengarda subiu para o degrau superior e nós viemos sonhar com Ela.
Sonhar com a Verdade!

Fernando Baldaque e Santana.

Um pedido justo

Os sportmen portugueses pediram ao ilustre Presidente do Ministério sr. dr. Oliveira Salazar a construção dum Stadium digno da nossa Pátria e onde possam treinar-se convenientemente todos aqueles que ao sport dedicam o melhor do seu esforço e toda a sua boa vontade. É um pedido justo e estou convencida que S. Ex.ª com a visão certa que tem do futuro há-de atendê-los.

Hoje em dia o futuro dum povo, e por conseguinte dum Paiz, está da educação física. Só ela pode melhorar a raça, torná-la forte, activa e sã, capaz de suportar a vida ardua que espera todos os homens, contribuindo ao mesmo tempo para os desviar de caminhos perigosos, cheios de escolhos, que a mocidade ociossa costuma procurar e onde quási sempre perde a saude física e moral, tornando os rapazes, fracos, doentes, sem a energia nem a robustez necessárias, para olhar a vida bem de frente e aguentar os seus duros embates. A educação física, ministrada com critério e método, é a grande escola do futuro. Nela se desenvolve salutarmente o corpo e o caracter, porque um homem que é fisicamente forte é quási sempre leal e correcto em todos os actos da vida.

No meio disto tudo só um facto me desgosta: é constatar que, ao passo que o homem português pratica os sports, desenvolve-se, torna-se forte, e são, a mulher marca passo, não caminha, continua neste campo quási como há 20 anos. E é pena, porque, se o futuro dum povo depende dos seus homens, muito mais depende das suas mulheres. Elas, para serem mãis de filhos robustos e saudaveis, precisam de ser fortes tambem. E hoje mais do que nunca a mulher necessita desenvolver-se fisicamente, precisa de agilidade, de energia, pois tem de trabalhar lado a lado ao homem numa competencia ingrata, porque emquanto os homens nada mais em geral têm a fazer do que o seu trabalho, a mulher, a maioria das vezes, necessita cuidar dos filhos, do lar e do marido. Trabalha por conseguinte mais, muito mais do que o homem, despendendo incomparavelmente mais energia, com a agravante de ser o seu trabalho sempre pior remunerado, quando a verdade é que a mulher quási sempre trabalha mais e melhor do que o seu companheiro. Este critério injusto tem prejudicado muito a mulher. Os oculos fumados que Portugal infeliznmnte ainda usa, não o deixando ver claro, com espírito desempoeirado, desgostam sobremaneira a mulher, que perde pouco a pouco a vontade de trabalhar «de verdade».

Por todas estas razões e muitas mais é necessário que a mulher portuguesa frequente os sports, se torne forte, activa e sã.

A educação fisica além de ser de grande utilidade no desenvolvimento do corpo é uma grande, uma natural selecionadora de energias — os que não aguentam baqueiam.

É uma selecção humana, utilizada actualmente por quási todo o mundo civilizado. Que prazer pode ter em viver um desgraçado doente cheio de achaques, sem robustez que lhe permita trabalhar? A vida para esses desgraçados é um fardo, um fardo pezado que eles arrastam quais grilhetas do sofrimento. Preferivel é que uma seleção natural e humanissima faça a sua escolha racional.

Nos estadios de Berlim e Frankfurt A/M, dos quais o segundo é um lindissimo parque, uma verdadeira maravilha que leva horas a percorrer, vi imensas raparigas treinando-se. Apenas vestidas com calções pretos e umas camisolas brancas, elas, as futuras mãis alemãs, exercitavam-se em vários ramos do sport. Cada grupo tinha um treinador que ensinando metódica e cientificamente o sport ia vigiando a respiração para que ela fosse bem feita, ia reparando se o corpo estava na posição própria, etc., etc.

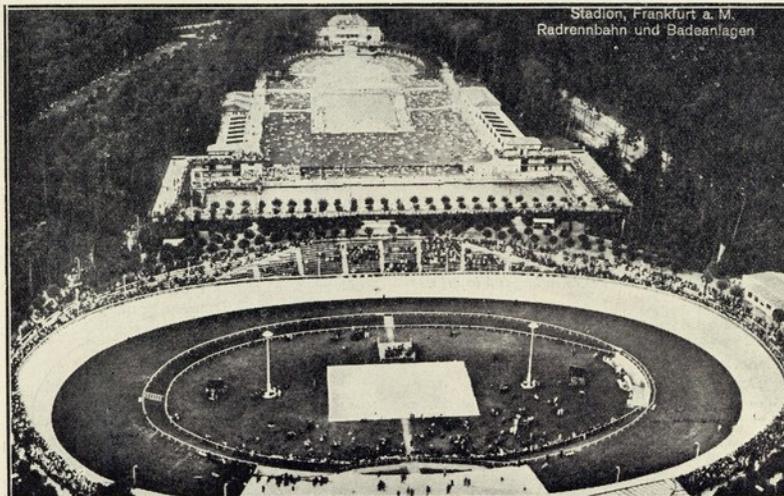
Todos os rapazes e raparigas antes de serem admitidos aos sports são cuidadosamente inspeccionados por médicos para avaliar as suas possibilidades físicas.

Os doentes são rejeitados imediatamente, os fracos são admitidos mas entregues a um treinador especial que só lhes permite executear, de começo, sports leves, sports que metodicamente vão aumentando ao passo que os candidatos se vão tornando fortes e robustos.

Acabo de ler na «press» que teodos os sportmen de Portugal vão reunir-se numa grande parada com o fim de pedir ao governo a construção do Stadium.

As nossas colónias não podem, infelizmente, tomar parte nessa grande parada por se encontrarem longe de mais da Metrópole, mas podem e devem dar todo o apoio moral a esse movimento. Que em cada cidade um club tome a iniciativa de colher assinaturas de todos os sportmens, assinaturas que serão enviadas para Portugal, provando assim que mesmo cá longe patrocinam o pedido e que estão absolutamente ao lado dos seus irmãos na justa pretensão que desejam obter. Tenho a certeza que, procedendo assim, contribuirão quanto possível para o apuramento da raça e consequentemente para o engrandecimento da Pátria.

Avante, pois, sportmen de Portugal! Não descanceis emquanto não virdes realizado o vosso sonho, o vosso ideal bem justo, para que daqui a alguns anos tambem na nossa Pátria possam ter lugar as olimpiadas.

Beira, Agosto de 1933.

Helena de Portugal.

desportos

no estrangeiro

1

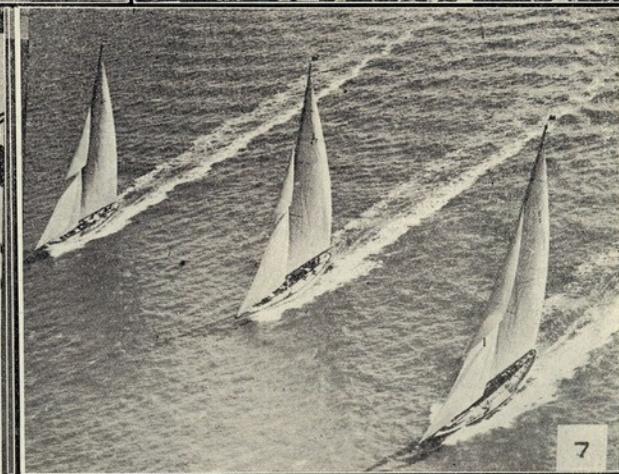
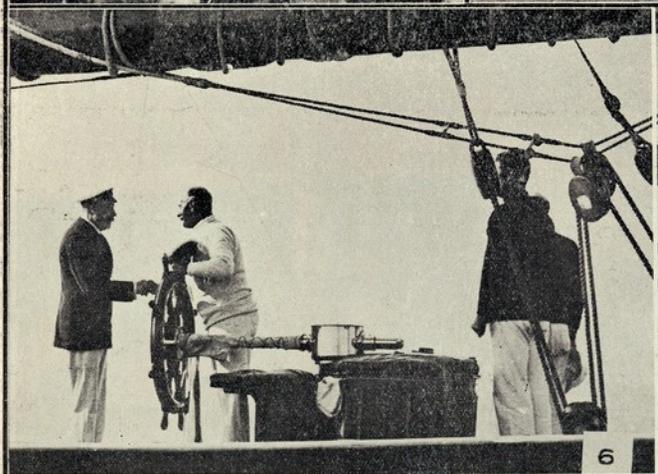
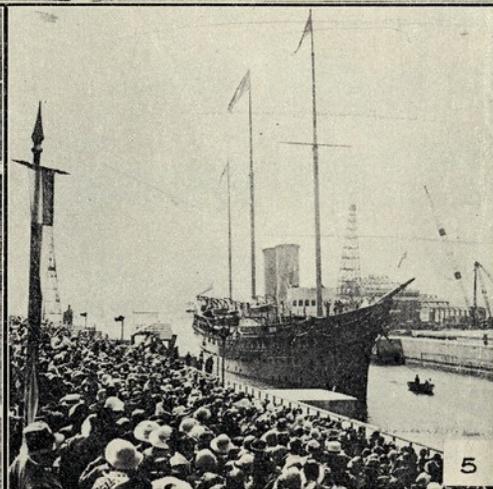
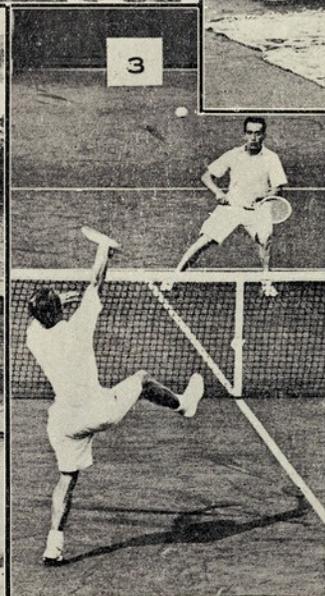
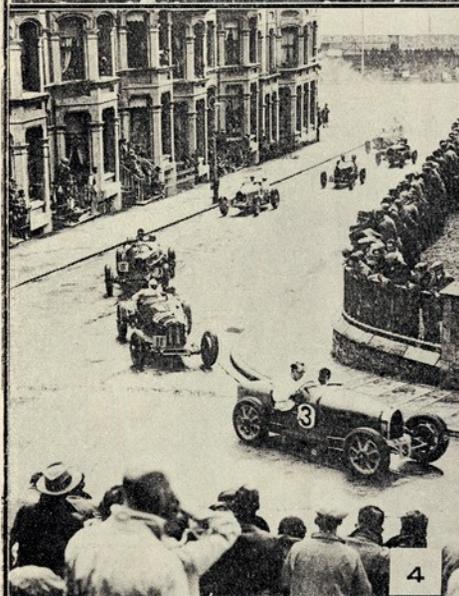
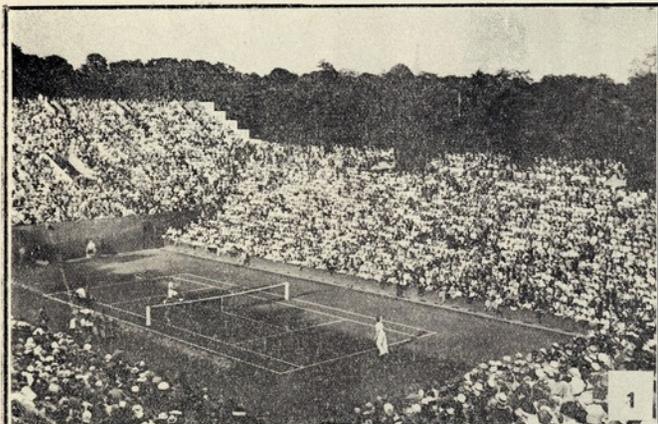
2

3

4

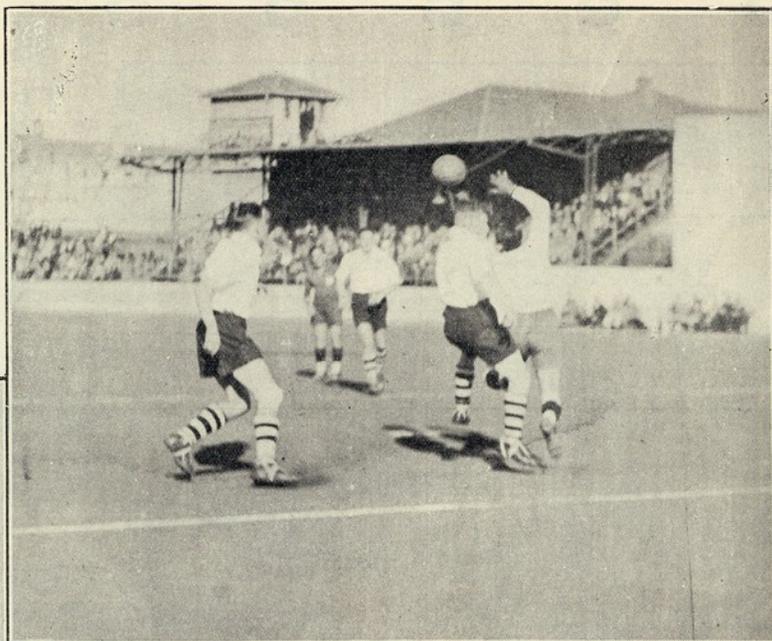
5

6

7

1 e 3 — Pela primeira vez em 21 anos, a Inglaterra ganhou a Taça Davis, batendo a França por 3 vitorias contra 2. O «match» teve logar no estádio Roland Garros, Paris. Nas duas gravuras vêem-se: Perry contra A. Merlin (1) e Austin contra Cochet (3) numa fase aguda do jogo. 2 — Assistencia aristocrática a um «tennis party», em Londres, entre a qual figuram o conde e a condessa de Athlone e o ex-rei da Grécia. 4 — A largada para a corrida «á roda das casas», na Isle of Man, Douglas. O vencedor foi o filho de Lord Essendon (carro n.º 6), num Alfa Romeo, com 64,23 milhas por hora. 5 — A inauguração da maior doca de Southampton, feita pelo «yacht» real «Victoria and Albert», tendo a bordo Suas Majestades britanicas. 6 — O Rei de Inglaterra tomando parte, no seu «yacht» «Britannia», na regata real sobre o Tamisa, em 27 de Julho. 7 — A «Taça do Rei», em 1 de Agosto: os trez barcos são o «Astra», e «Ve Sheda» e o «Britannia».

A Selecção de Lourenço Marques triunfa em Joanesburgo

Jogando em 19 de Agosto no campo do Wanderers, em Joanesburgo, contra o «onze» da «Southern Transvaal Association», a Selecção da Associação de Futebol de Lourenço Marques obteve uma sensacional vitória. O resultado de 1-0 não respondeu por forma alguma á superioridade técnica da Selecção, cujo jôgo mereceu do publico e da imprensa transvaliana um entusiastico e caloroso elogio.

Esta vitoria, precedida da derrota copiosa infligida á Selecção de Witbank (11-1) e do brilhante triunfo sôbre o «onze» do Frontier Association, de East-London, veio consagrar definitivamente a Selecção de Lourenço Marques como um dos melhores grupos de futebol da Africa do Sul.

Como já há dois anos, a exibição da Selecção em Joanesburgo mereceu da critica uma comparação lisonjeira, quanto ao processo e factura de jôgo, com o grupo profissional inglês Motherwel, que em 1930 visitou a União.

A Selecção de Lourenço Marques, da qual tomou a direcção, como seleccionador unico e treinador, o tenente sr. Alberto Moura, tem apresentado nesta época «internacional» a seguinte composição:

Guarda-rêdes: Artur Augusto (Sporting).
Defesa direito: Francisco Rodrigues, «Jusa» (Sporting).
Defesa esquerdo: Jaime O'Neill, capitão, (Ferro-Viário).
Médio direito: António Simões (Sporting) ou J. Figueiredo (F. Viário).
Médio centro: Liberto dos Santos (Sporting).
Médio esquerdo: Adelino Paula (F. Viário).
Extremo-direito: Casal Ribeiro (Desportivo) ou Barriga (1.° de Maio).
Interior-direito: Isaac de Magalhãis (F. Viário).
Avançado-centro: António Barradas (Sporting).
Interior-esquerdo: Silva Marques, ou Lira (F. Viário).
Extremo-esquerdo: Nunes Ferreira (F. Viário).

Um grupo de combatentes da Grande Guerra, com o seu estandarte, durante a festa do dia 29 de Agosto

A terceira felicidade

(Conto chinês de Ruy Sant'Eimo)

«Chan-Lam-Ioc» tinha, como era usual, uma esposa legitima, e quatro ou cinco concubinas, teudas e manteudas. Mas, como era um ciumento, fechava-as a sete chaves. Ciumento, até á obsessão, tinha apreensões sôbre os próprios pensamentos de suas mulheres, surpreendia-lhes propositos de infidelidade em que elas nunca sonharam! E tudo eram pretextos para lhes apertar de mais em mais a clausura. Mas, ainda assim, não se dava por descansado. Submetia-as a interrogatorios insidiosos, fazia-lhes preguntas á queima-roupa, que as induziam por vezes em falsas contradições. E, no entanto, nem sua esposa legitima, nem suas concubinas, lhe davam a minima razão de suspeita.

Eram fieis, estruturalmente fieis, como se fossem de pedra. Humildes como a terra; doceis como animais domesticos; silenciosas como sombras... Seus passos eram leves e lentos, leves, lentos, silenciosos, como de sombras hieraticas. E, seus gestos timidos, eram apogiaturas na toada branda de suas falas de penumbra.

Sombras hieraticas, silenciosas, eram quasi irreais, na graça estilizada do seu corpo eternamente adolescente; nos silencios enigmaticos de seus olhos parados; nas suas ternuras mudas de gazelas acariciadas; nas submissões castas de rolas amorosas.

Nunca elas pensaram em trair o seu marido, o seu senhor. Mas, tão aterradas andavam, tal receio lhes infundiam os olhares que ele lhes deitava, de tão afrontosa desconfiança, que se comprometiam sem querer.

* * *

«Chan-Lam-Ioc» estava em pleno vigor da idade. Detentor duma grande fortuna, gastava perdulariamente. Noites e noites se seguiam, jogando e bebendo, por «colaus» e fumatorios, nessa orgia soturna da China, que tem um não sei quê de angustioso... Orgia sorna que se alonga noite dentro, nevoenta de fumo de ópio, morna e soturna, de longos silencios pasmados cortando conversas de sonambulos, ao rumor insidioso do «tric-trac» de pedras «Ma-Cheoc», de onde se ergue de vez em vez a voz estridula dalguma «Pi-pachai» ferindo as cordas agudas do psalterio.

Entrava em casa a desoras, embrutecido, tonto de alcool, repleto dos lentos, interminaveis, copiosos banquetes da bizarra cosinha chinesa, requintado amalgama de ligações heterogeneas, em que o marisco se associa á carne gorda, as algas doces ao peixe salgado, e em que os ovos de pata, propositadamente apodrecidos no lodo, são preciosas iguarias para paladares que um longo tempo afinou. Era um momento de ansiedade. As mulheres acordavam estremunhadas, e aguardavam que ele chamasse a escolhida para o resto da madrugada. E, nunca o mais leve assômo de contrariedade ou repugnancia lhes franziu a expressão vaga da sua fisionomia parada! Os seus nervos, de raça envelhecida, exaustos por esmagamentos milenários de submissões indiscutidas, não se crispavam para o arranque libertador das nobres rebeldias. Instrumentos de prazer, máquinas de engendrar filhos, nada mais é a mulher na China. No estado conjugal está «in manus maritiis». Não comunga nos bens do casal, que em todos sucedem os filhos varões do marido. Na viuvez, interditam-se-lhe as segundas nupcias, e passa para a dependencia do sogro, dum irmão do marido, ou do filho mais velho.

Não é nada a mulher na China. A sua fidelidade é feita de medo, de preconceito, de insensibilidade.

Demais sabia, pois, «Chan-Lam Ioc», que sua mulher legitima e suas concubinas eram virtualmente fieis. E nem do contrário se lhes oferecia ensejo, fechadas como estavam a sete chaves. Mas, como era um ciumento, não se tinha por seguro. Crivava-as de preguntas, e deitava-lhes um olhar de tão afrontosa desconfiança que as deixava aterradas.

Um dia, porém, uma delas, a concubina mais nova, lamentou-se amargamente de tão injustificadas suspeitas á sua cabeleireira:

— Era insuportavel a vida que levava. Era preferivel morrer! Era preferivel suicidar-se...

Apiedou-se da rapariga a cabeleireira. E, quando doutra vez lhe veio tratar do cabelo, lavá-lo, penteá-lo e bruni-lo, deixando-o mais negro que azeviche, inculcou-lhe uma adivinhoa, velha quiromante que lia nas linhas das mãos e dos pés o destino das pessoas, tirava sortes, predizia eventos, falava com os mortos, aplacava os espiritos malignos que perseguiam os vivos.

E acabou-se emfim o enguiço. A velha adivinhoa, recebida a ocultas, ouviu o relato amargurado da rapariga, e viu, examinou, inquiriu, percorreu os cantos da casa. Quatro luas não eram passadas veio dar-lhe a resposta:

— Outra coisa não era, podia disso estar certa, senão uma diabrura de «Tsao Wang» ou talvez inconfidencia...

«Tsao Wang» era um manipanço de pau ressequido, espécie de mata-moiros, barbas em revolta, que diriamos penteadas por uma tempestade, olhos esbugalhados, prescrutadores, que incomodavam, a quem atentasse neles. Na destra tinha uma espada, lamina recurva como um alfange, na atitude de acutilar. Não sabiam elas, esposa e concubinas, que espécie de repugnancia aquele manipanso lhes inspirava.

Postado á entrada da casa, como um guardião, quer se entrasse ou saisse o manipanso dava por isso. E tinha o ar furibundo de acometer contra uns e outros.

Aquele manipanso era um espião, que dava conta de tudo que se passasse em casa, e tinha especialmente por fim exercer vigilancia sôbre a conduta das mulheres.

Assistia silencioso a tudo o que se passava, sabia o que via e o que não via, e tudo ia contar ao Soberano dos Infernos, — o delator...

Mas a velha adivinhoa revelou-lhes o segredo de captarem tão temeroso inimigo. Ele tinha a boca aberta, uma bocarra angulosa, ressaindo como uma queixada monstruosa, hibrida de leão e de touro. Pois, bastaria tapar-lhe a bôca com mel. O manipanso ficaria deliciado com a gulodice. E se quisesse falar, a lingua pegar-se-lhe-ia ao ceu da boca e não a poderia mover.

* * *

E uma temporada se seguiu de paz. As mulheres descansavam emfim. «Tsao Wang» jamais abriria a boca, semearia cizanias naquela casa. Ponto era que tivesse sempre a boca cheia! Logo que o melaço começasse a diminuir, acudiam pressurosas a atestar-lhe a bocarra hiante, e a limpar as escorrencias que lambuzavam a barbuna do mata-moiros.

Seguras da eficacia de tão engenhosa artimanra, as mulheres disfrutavam finalmente uma paz nunca experimentada. Ao mesmo tempo que propiciavam o guloso manipanso, não regateavam á velha adivinhoa uma paga generosa. Enchiam-lhe as mãos de mimos, de dadivas, de presentes. E nunca se julgavam quites por essa divida de gratidão! Mas, tão entremetida a bruxa se mostrava, insaciavel sanguessuga que nunca se contentava, insinuando-se a toda a hora pela casa dentro, que um dia a despediram.

Começou então um inferno. A velha adivinhoa avezada ás alicantinas da profissão, ao mesmo tempo que vingava o seu despeito contra elas, vendia caro o segredo que possuia. E denunciou-as a «Chan-Lam-Ioc».

Julgaram as pobres mulheres chegado o fim da sua vida. «Chan-Lam Ioc» ficou irritado. Apertou de mais em mais a clausura; profligou-as de ameaças; atormentou-as com preguntas. Consultou bonzos, foi de longada a longinquos pagodes, procurou adivinhos. E todos foram unanimes, todos concordes. O manipanso deixara-se subornar. «Chan-Lam Ioc» perdeu a confiança no manipanso. As pobres mulheres andavam aterradas... Desfaziam-se em desculpas, protestavam pela sua inocencia. Mas, «Chan-Lam-Ioc» não acreditava nelas.

— «Não saiam de casa, não viam ninguem e ninguem falava com elas? Mas, para que enchiam de mel a boca de «Tsao Wang»?

O facto falava por si.

E, quis saber pormenores, apurar culpas, fazer vitimas. O caso tornava-se publico, e «Chan-Lam-Ioc» «perdia a face». Era um ponto de honra, a bizarra, pueril, eminentemente chinesa questão de «face». E, tanto preguntou, tanto ateimou, que veio a saber tudo. A culpada era a mais nova das suas concubinas. A mais pequenina, a mais gentil, a mais feminina. Tinha dezanove anos e parecia não ter quinze.

Vazada em moldes de estatueta, mais apetecia pô-la sobre um plinto de tamarindo, ou numa redoma de vidro. Nem ela sabia como se encontrava ali, na posse daquele homem. Quando deu por si no mundo, estava em casa duma velha proxeneta, que se entregava ao torpe tráfico de raparigas desvalidas, explorava lupanares, onde tinha pupilas de corpo intangido, a quem ensinava a tocar o luth, cantar velhas canções, todos os segredos da arte de se vestir e pintar, e eram destinadas a concubinas de chineses ricos, que por elas pagavam quantiosas somas.

— Fôra ela... confessou ingenuamente. Para se libertar das injustificadas suspeitas do tirano, para acabar de vez com cizanias naquela casa. E confessou lavada em lágrimas, que tão raras fluem dos olhos de esfinge das mulheres chinesas.

* * *

Decorreram anos. O desaparecimento da concubina mais nova, passara sem comentários. Todas se lembravam ainda daquela hora trágica em que «Chan-Lam-Ioc», depois da confissão, a estrangulou. Pouco custou a morrer...

Quando cresceu para ela, num acesso de furor, para lhe lançar as mãos á goela, a rapariga esgazeou os olhos, num assombro, como o das crianças na iminencia dum castigo. Abriu-se-lhe a bôca num grito sufocado. E, não pode mais dar pio...

Direitos incontestaveis, que uma longa tradição consagrava, davam á violencia uma absoluta isenção. Era inteiramente legitimo. E não se falou mais nisso.

Aquele momento, porém, ficou na memoria das mulheres como um pesadelo, que só de recordá-lo lhes dava vertigens, fazia parar o coração de subito, e punha arrepios na espinha. Por longo tempo, o pavor que delas se apoderou, povoava de fantasmas a sua imaginação atonita. O manipanso desaparecera, reduzido por exorcistas a cinzas. Mas, todas elas evitavam de olhar para o lugar onde êle estivera. E, bem que evitassem de pensar sequer naquela hora tragica, jamais tal idea lhes saia da cabeça, vaga e difusa, como num sonho...

Por outro lado, «Chan-Lam-Ioc» encontrava-se agora um pouco mais calmo. A morte da concubina infundira um visivel terror no animo de suas mulheres. Os seus silencios eram agora lugubres, as suas falas de sombra; os seus olhares de espanto. Rojavam-se como animais tranzidos sob a ameaça do chicote do dono, tinham no olhar alarmado mudas impetrações de clemencia, andavam num sobressalto de incorrer no desagrado do Senhor.

Humildes como a terra... Silenciosas como sombras...

Mas, um dia, Chan-Lam-Ioc» começou a andar preocupado. Atingira o auge da força viril, o apogeu de todas as faculdades varonis. Rico de bens, duma saude exuberante, gozou plenamente a vida. Começava já o declinio. Então, assaltou-o uma idea terrivel: — não tinha filhos. A sua esterilidade, posta á prova em tantos anos de casado, era indu-

bitavel. Mas, nunca atentara nisso. Só agora a idea de não ter filhos, de morrer sem descendencia, começava a preocupá-lo. Consultou curandeiros e adivinhões. Drogas mirificas, sucos de plantas, todos os recursos da medicina erotica, segredos seculares de hervanarios, de tudo fez um largo uso. Fumou ópio, desvairadamente! Mas, só conseguiu acelerar a sua decadencia fisica.

Eram ineficazes as mezinhas...

Adivinhões sagazes atribuiam o insucesso ao despeito de Tsao Wang. E aconselhavam «Chan-Lam-Ioc» a repor o manipanso no mesmo lugar, assegurando-lhe de antemão o êxito de tão piedosa acção. Que se repusesse o manipanso no mesmo lugar! E deixasse que as mulheres lhe enchessem de melaço a bocarra indiscreta...

Todas as prescrições seguiu «Chan-Lam-Ioc» escrupulosamente. Mas, filhos... não vinham.

Ao passo que se lhe desvaneciam todas as esperanças, «Chan-Lam-Ioc» mais se preocupava. Morrer sem descendencia, não deixar um filho varão que celebrasse o culto funebre, inscrevesse o seu nome na taboleta dos antepassados, fosse ao pagode por ocasião da vizita anual bater cabeça, oferecer alimentos frios, — o leitão tostado, bolos de farinha, algumas sapecas para pivetes, era uma preocupação. Apoderou-se dele um pavor terrífico. Era toda a corda dos antepassados que com ele ficaria sem culto!

Uma alma milenaria, transida no sobressalto dum inaplacavel medo metafisico, erguia-se dentro de si, apavorada com a transgressão sacrilega desse dever fundamental de piedade filial. Um eco de recriminações lhe ressoava no ouvido... Era o clamor dos mortos! Vinha das sepulturas cavadas no dorso das montanhas, e rondava de noite em volta da casa. E, ele distinguia, nesse alucinado tumulto de vozes, os protestos veementes de mil gerações passadas contra a sua imperdoavel inabilidade. Um fundo sentimento de culpa lhe roia a consciencia, como uma broca. Não vivia tranquilo. Para realizar inteiramente o seu fim na vida, era necessário deixar descendencia, era necessário deixar quem celebrasse o culto funebre, quem continuasse o nome da familia.

Das três felicidades máximas que um chinês pode alcançar na vida, — a longevidade, a posição social elevada, a numerosa prole — era est'ultima a maior de todas. E era esta que «Chan-Lam-Ioc» não alcançaria.

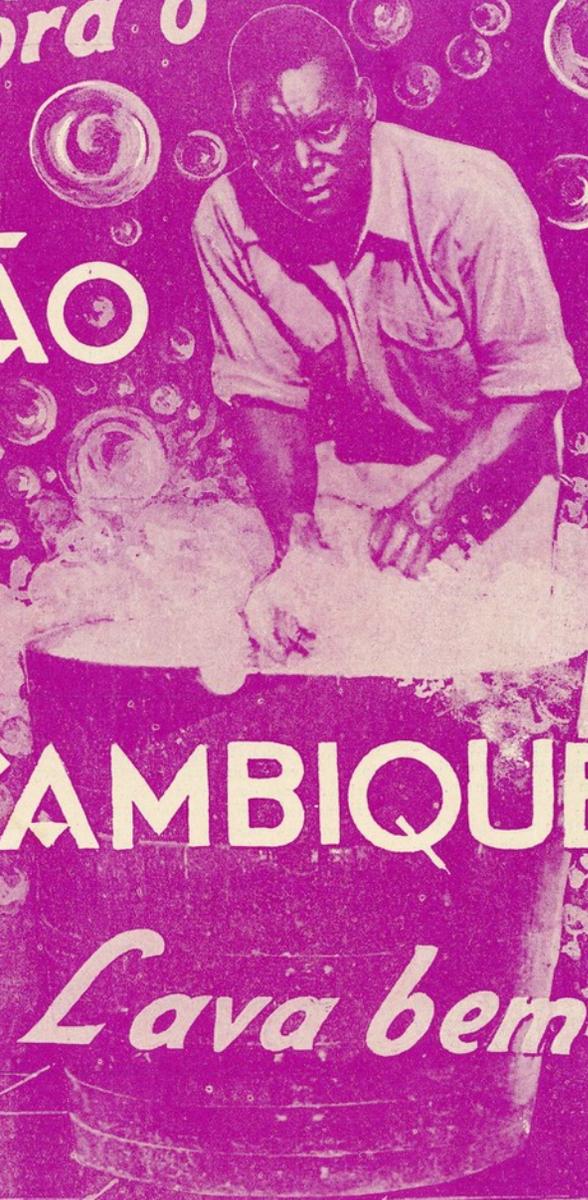
«Chan-Lam-Ioc», porém, não desistiu. Com uma tenacidade lenta, e perseverante, tão peculiar ao temperamento chinês, fora prosseguindo o seu fim. Não havia esgotado todos os meios preconizados na conjuntura.

Certo dia, a tantos da oitava lua, fora com suas mulheres em romaria ao pagode de «Kun-iam». Ali iam centenas, milhares de pessoas em identicas circunstancias. Mulheres, a quem tardava um filho, iam impetrar á Deusa a graça de conceberem. Velhos bonzos budistas, de cabeça rapada, habito negro e rosário pendente, vinham receber as mulheres infecundas ao atrio do pagode e conduziam-nas uma a uma para um aposento interior, discreto, misterioso. Os velhos bonzos mal se tinham firmes, as pernas vacilantes, alquebrados, trémulos, corcovados. As suas falas eram arquejantes, ritmadas a pausas de cansaço. Os seus gestos, lentos e tentaculares, dos seus dedos longos, dedos de esqueleto, que pareciam nascer-lhes do pulso, como varas descarnadas dum leque. Carregados de anos, quási centenários, mumificados pelo tempo, os velhos bonzos infundiam um misto de respeito e repugnancia. Eram esqueletos ambulantes... Recebidas as oblatas, curvavam-se ante o altar de Budha, e no seu passo lento de fantasmas, hesitante, a trepidar, acompanhavam as mulheres, uma a uma, para um aposento interno do pagode, discreto, misterioso. O que então se passava ninguem o via. O aposento permaneceria ás escuras. Tempo depois as mulheres saiam com um ar recolhido, o passo cauteloso, defendendo-se de contactos, no horror sagrado de se macularem, silenciosas, meio surpresas, meio afogueadas, num atordoamento...

Todos os anos «Chan-Lam-Ioc» acompanhava ao pagode as suas mulheres. O exito da romagem era proporcional ao culto das oblatas. Logo que percebeu a influencia arimetica na concessão das graças da Deusa fecundante, cumulou os velhos bonzos de munificentes dadivas.

* * *

Envelheceu feliz «Chan-Lam-Ioc». Toda as suas mulheres deram fartamente á luz filhos robustos.

Sobre o que se passava no aposento esc discreto, misterioso, do Pagode, nunca f mais leve pregunta. Tinha já uma num prole. Podia morrer descançado, podia r feliz...

sit
cio
temp
As n
aguar
para c
leve as
cia lhe
fisionom
envelheci
lenários d
crispavam
nobres rebe
quinas de e
mulher na
«in manus n